

ISABEL
ALLENDE

INÉS DA
MINHA ALMA

Tradução de
Ana Mendes Lopes
Phala – Gabinete de tradução

CAPÍTULO UM

Europa, 1500-1537



O meu nome é Inés Suárez, habitante da leal cidade de Santiago da Nova Extremadura, no reino do Chile, neste ano de Nosso Senhor de 1580. Não tenho a certeza da data exata do meu nascimento, mas a minha mãe assegura que nasci depois da grande fome e do tremendo surto de peste que assolou a Espanha logo após a morte de Filipe, *o Belo*. Não creio que tenha sido a morte do rei a provocar a peste, como aliás dizia o povo ao ver passar o cortejo fúnebre que deixou no ar, durante dias, um aroma a amêndoas amargas, mas nunca se sabe. A rainha Juana, ainda uma jovem e bela mulher, percorreu Castela durante mais de dois anos, transportando o esquife de um lado para o outro, abrindo-o de vez em quando para beijar os lábios do marido, na vã esperança de que pudesse ressuscitar. Apesar dos unguentos do embalsamador, *o Belo* fedia. Quando eu vim ao mundo, já a infeliz rainha, louca de todo, estava recolhida no palácio de Tordesilhas com o cadáver do seu consorte; o que significa que tenho, pelo menos, setenta invernos às costas e que hei de morrer antes do Natal. Podia dizer-vos que, nas margens do rio Jerte, uma cigana adivinhou a data da minha morte, mas essa seria uma daquelas mentiras que se costumam espetar nos livros e que, por estarem impressas, parecem verdadeiras. A cigana só me augurou uma vida longa, que é o que sempre nos dizem em troco de uma moeda. O que me anuncia a proximidade do fim é o meu coração desordenado. Sempre soube que havia de morrer velha, em paz e na minha cama, como morrem todas as mulheres da minha família; por isso não vacilei quando precisei de enfrentar o perigo, já que

ninguém se vai deste mundo antes da sua hora. «Tu vais morrer de velhinha, de nada mais, *señoray*», tranquilizava-me Catalina, no seu castelhano afável do Peru, quando o persistente galope de cavalos me enchia o peito e me deitava ao chão. Já me esqueci do nome *quí-chua* de Catalina e também já é demasiado tarde para lho perguntar – enterrei-a no pátio de minha casa há muitos anos –, embora tenha plena confiança na precisão e veracidade das suas profecias. Catalina começou a servir-me na antiga cidade de Cuzco, verdadeira joia dos incas, na época de Francisco Pizarro, aquele bastardo corajoso que, dizem as más-línguas, guardava porcos em Espanha e acabou transformado em Marquês-Governador do Peru, cansado da sua ambição e de múltiplas traições. São assim as leis deste novo mundo das Índias, onde as leis tradicionais nada podem e tudo é possível: santos e pecadores, brancos, negros, pardos, índios, mestiços, nobres e lavradores. Qualquer um pode andar por aí a arrastar correntes, ser marcado com ferros em brasa e, no dia seguinte, num golpe de sorte, ver a sua vida mudada num ápice. Vivi mais de quarenta anos no Novo Mundo e ainda não me habituei a esta desordem, ainda que também eu tenha beneficiado dela; se tivesse ficado na minha terra natal, hoje seria uma idosa pobre e cega de tanto bordar à luz das candeias. Lá seria a Inés, costureira da rua do Aqueduto. Aqui, sou *doña* Inés Suárez, senhora de grande importância, viúva do excelentíssimo Governador *don* Rodrigo de Quiroga, conquistadora e fundadora do reino do Chile.

Como disse, tenho pelo menos setenta anos, bem vividos, mas a minha alma e o meu coração, ainda agarrados aos resquícios da juventude, perguntam-se o que diabo terá acontecido com o corpo. Ao ver-me no espelho de prata, o primeiro presente que Rodrigo me ofereceu quando nos casámos, não reconheço aquela avó de cabelos brancos que o espelho me devolve. Quem é esta que se faz passar pela verdadeira Inés? Examino-a de perto, com a esperança de poder encontrar, bem no fundo do espelho, aquela menina de tranças e joelhos esfolados que já fui um dia, a jovem que fugia pelos pomares para fazer amor às escondidas, ou a mulher madura e apaixonada que dormia abraçada a Rodrigo de Quiroga. Tenho a certeza de que, algures, estão ali escondidas, mas não as consigo

ver. Já não consigo montar a minha égua, não uso cota de malha nem espada, não por falta de vontade, que vontade sempre tive de sobra, mas porque o corpo me trai. Faltam-me as forças, doem-me as articulações, tenho os ossos gelados e a vista nublada. Se não usasse os óculos, que mandei vir do Peru, nem sequer conseguiria escrever estas páginas. Quis acompanhar Rodrigo – que Deus o tenha em seu Santo Descanso – na sua última batalha contra os índios *mapuche*, mas ele não me quis levar. «Estás muito velha para isso, Inés», disse a rir. «Estou tão velha como tu», respondi-lhe, apesar de não ser verdade, já que Rodrigo era uns anos mais novo que eu. Ambos acreditávamos que não nos veríamos mais, mas despedimo-nos sem lágrimas, certos de que nos encontraríamos na outra vida. Há muito tempo que sabia que Rodrigo tinha os dias contados, apesar do seu esforço para me esconder os factos. Nunca o ouvi queixar-se, aguentava as dores com os dentes cerrados e só o suor que lhe escorria pela testa o denunciava. Partiu febril, rumo ao Sul, pálido, com uma chaga coberta de pus numa perna que nenhum dos meus remédios e orações conseguiu curar; partiu para cumprir o seu desejo de morrer como um soldado no alvoroço do combate e não como um velho prostrado entre os lençóis do seu leito. Eu queria estar com ele para, nos momentos finais, lhe segurar na cabeça e agradecer o amor que me dedicou durante as nossas longas vidas. «Olha, Inés – disse-me, mostrando os nossos campos, que se estendem até ao sopé da cordilheira. – Deus colocou tudo isto, mais as centenas de almas dos índios que aqui trabalham, ao nosso encargo. Tal como eu tenho por obrigação combater os selvagens em Araucanía, é tua obrigação proteger a fazenda e esta gente.»

A verdadeira razão pela qual decidi partir sozinho é que não queria deixar-me assistir ao triste espetáculo da sua doença, já que preferia ser recordado a montar a cavalo, comandando os seus corajosos homens, combatendo na região sagrada a sul do rio Bío-Bío, onde as ferozes hostes *mapuche* se preparavam então para a guerra. Estava no seu pleno direito de capitão, por isso aceitei as suas ordens como a esposa submissa que nunca fui. Levaram-no até ao campo de batalha numa maca e, uma vez lá chegado o seu genro, Martín Ruiz de Gamboa, amarrou-o ao cavalo, tal como fizeram

com El Cid, o *Campeador*, para assustar o inimigo com a sua presença. Lançou-se para a frente dos seus homens como um perfeito demente, desafiando o perigo e com o meu nome nos lábios, só que não encontrou a tão desejada morte. Trouxeram-mo de volta muito doente, num catre improvisado; o veneno do tumor já tinha invadido o seu corpo. Qualquer outro homem já teria morrido há muito, devido aos malefícios que a doença lhe provocara e ao cansaço da guerra, mas Rodrigo era forte. «Amei-te desde o primeiro momento em que te vi e vou amar-te para sempre, Inés», disse-me, no meio da sua agonia, acrescentando que queria ser enterrado sem grande alarido e que devíamos mandar rezar trinta missas pelo descanso da sua alma. Vi a Morte, um pouco desfocada, tal como vejo as letras desta folha, mas inconfundível. Então chamei-te, Isabel, para que me ajudasses a vesti-lo, uma vez que Rodrigo era demasiado orgulhoso para mostrar os destroços da sua doença às criadas. Só a ti, sua filha, e a mim, nos permitiu colocar-lhe a armadura completa e as botas de rebites. Depois, sentámo-lo no seu cadeirão favorito, com o elmo e a espada sobre os joelhos, para que pudesse receber os últimos sacramentos e partir com dignidade, tal como tinha vivido. A Morte, que não tinha saído do seu lado e aguardava discretamente que acabássemos de o preparar, envolveu-o então nos seus braços maternais e fez-me sinal para que me aproximasse e sentisse o último suspiro do meu marido. Inclinei-me sobre o seu corpo e dei-lhe um beijo na boca, um beijo de amante. Morreu nesta casa, nos meus braços, numa tarde quente de verão.

Não pude cumprir as instruções de Rodrigo para que o seu funeral fosse discreto, porque era o homem mais querido e respeitado do Chile. A cidade de Santiago mobilizou-se inteira para chorar a sua morte e, de outras cidades do reino, chegaram incontáveis manifestações de pesar. Anos antes, o povo tinha saído às ruas para celebrar a sua nomeação como Governador com chuvas de flores e salvas de mosquete. Foi sepultado com as honras que merecia na igreja de Nossa Senhora das Mercês, que ele e eu mandáramos erigir para glorificar a Virgem Santíssima e onde em breve repousarão também os meus ossos. Deixei dinheiro suficiente à igreja para que uma vez por semana, durante trezentos anos, rezem uma missa pelo

descanso da alma do nobre fidalgo *don* Rodrigo de Quiroga, bravo soldado de Espanha, alcaide, *Adelantado*¹ e duas vezes Governador do reino do Chile, cavaleiro da Ordem de Santiago, meu marido. Estes meses sem ele foram uma eternidade.

Não devo antecipar-me, pois, se narrar os feitos que recheiam a minha vida sem qualquer rigor nem ordem, corro o risco de me perder pelo caminho; uma crónica deve seguir a ordem natural dos acontecimentos, mesmo que a memória seja uma perfeita barafunda sem lógica. Escrevo de noite, sobre a mesa de trabalho de Rodrigo, enrolada na sua manta de alpaca. A guardar-me o quarto está *Baltasar*, bisneto do cão que viajou comigo até ao Chile e me acompanhou durante catorze anos. O primeiro *Baltasar* morreu em 1553, o mesmo ano em que mataram Valdivia, mas deixou-me os seus descendentes, todos enormes, de patas desajeitadas e pelo rijo. Esta casa é fria, apesar das carpetes, cortinas, tapeçarias e braseiros que os criados mantêm cheios de carvão incandescente. Queixas-te muitas vezes, Isabel, que não se consegue respirar de tanto calor; deve ser porque o frio não está verdadeiramente no ar, mas dentro de mim. Consigo anotar as minhas memórias e pensamentos com tinta e papel graças ao clérigo González de Marmolejo, que se deu ao trabalho, entre os seus múltiplos esforços para evangelizar selvagens e consolar cristãos, de me ensinar a ler. Na altura, era apenas um capelão, mas chegou a ser o primeiro bispo do Chile e também o homem mais rico deste reino, como contarei mais adiante. Morreu sem levar nada para a cova, mas deixou um rasto de boas ações que lhe valeram o amor da população. Ao fim e ao cabo, só se tem verdadeiramente aquilo que se deu, como dizia Rodrigo, o mais generoso dos homens.

Comecemos pelo princípio, pelas minhas primeiras memórias. Nasci em Plasencia, no Norte da Extremadura, cidade fronteiriça, guerreira e religiosa. A casa do meu avô, onde cresci, ficava a um passo da catedral, a que carinhosamente chamavam La Vieja, uma

¹ Designação arcaica utilizada pelos *Conquistadores* espanhóis durante os séculos XVI e XVII para a categoria de governador ou responsável máximo de uma província, cuja responsabilidade seria, entre outras, agir como representante da Coroa espanhola junto das colónias. (*N. da T.*)

vez que datava apenas do século XIV. Cresci à sombra da sua torre invulgar coberta de escamas trabalhadas. Nunca mais vi a ampla muralha que protege a cidade, a esplanada da Plaza Mayor, as suas ruelas sombrias, os palacetes de pedra e as galerias de arcos, nem o pequeno solar do meu avô onde ainda vivem os netos da minha irmã mais velha. O meu avô, um artesão que trabalhava o ébano, pertencia à Confraria de Vera Cruz, uma honra muito superior à sua condição social. Sedeada no convento mais antigo da cidade, essa confraria encabeça as procissões da Semana Santa. Vestido com o hábito roxo, cinto amarelo e luvas brancas, era um dos que levavam a Santa Cruz. Na sua túnica havia manchas de sangue, sangue dos chicotes com que se flagelava para partilhar do sofrimento de Cristo a caminho do Gólgota. Na Semana Santa fechavam-se as portadas das janelas, para impedir que o sol entrasse, as pessoas jejuavam e falavam em sussurros; a vida reduzia-se a rezas, suspiros, confissões e sacrifícios. Numa Sexta-Feira Santa, a minha irmã Asunción, que na altura tinha onze anos, amanheceu com os estigmas de Cristo, umas horríveis chagas abertas nas palmas das mãos, e os olhos completamente brancos, voltados para o céu. A minha mãe trouxe-a de volta a este mundo dando-lhe um par de estalos e curou-a com emplastros de teia de aranha nas mãos e um severo regime de tisanas de camomila. Asunción ficou fechada em casa até que as feridas cicatrizaram e a minha mãe proibiu-nos de tocar naquele assunto, porque não queria que passassem a filha de igreja em igreja como se fosse um fenómeno daqueles que se mostram nas feiras. A minha irmã não era a única estigmatizada da região, já que todos os anos, durante a Semana Santa, uma menina padecia de mal semelhante, levitava, exalava fragrância de rosas ou cresciam-lhe asas, convertendo-se, de imediato, em objeto da adoração dos crentes. Que me lembre, todas elas acabaram por entrar para um convento, menos Asunción, que, graças à precaução da minha mãe e ao silêncio da família, lá conseguiu recompor-se do dito milagre sem consequências; casou-se e teve vários filhos, entre eles a minha sobrinha Constanza, que aparece mais à frente neste relato.

Recordo as procissões, porque foi numa delas que conheci Juan, aquele que viria a ser o meu primeiro marido. Estávamos no ano de

1526, ano em que se casou o nosso imperador Carlos V com a sua bela prima, Isabel de Portugal, a quem viria a amar a vida inteira, e ano em que Solimão, o *Magnífico*, marchou com as suas tropas turcas pela Europa fora, ameaçando a Cristandade. Toda a gente andava aterrorizada com os rumores da crueldade dos muçulmanos, e a nós já nos parecia ouvir as hordas demoníacas do outro lado dos muros de Plasencia. Nesse ano, o fervor religioso, aguçado pelo medo, atingiu proporções de verdadeira demência. Eu ia na procissão, caminhando atrás da minha família como se fosse uma sonâmbula, cheia de tonturas por causa do jejum, do cheiro das velas, do cheiro a sangue e incenso, do clamor das orações e dos gemidos dos sacrificados. De imediato, distingui Juan no meio de encapuzados e penitentes. Era impossível não o ver, era um palmo mais alto que toda a gente e a sua cabeça destacava-se das restantes pessoas que compunham a multidão. Tinha costas de guerreiro, o cabelo aos caracóis escuros, nariz romano e olhos de gato, que me devolveram o olhar com curiosidade. «Quem é aquele?» perguntei à minha mãe, mas como resposta só recebi uma cotovelada e uma ordem perentória para baixar os olhos. Eu não tinha namorado, porque o meu avô tinha decidido que eu havia de ficar solteira para cuidar dele na sua velhice, uma espécie de penitência por ter nascido mulher, em vez do neto varão que ele desejava. Como não tinha posses para dar dois dotes, determinou que Asunción tinha mais probabilidades de fazer uma aliança conveniente, já que tinha aquela beleza pálida e opulenta de que os homens tanto gostam e era obediente; ao contrário de mim, que era só osso e músculo e, além disso, teimosa como uma mula. Saía à minha mãe e à minha defunta avó, que não eram exatamente uns modelos de doçura. Na altura, diziam que os meus melhores atributos eram os olhos sombrios e a cabeleira de poldra, mas isso podia dizer-se de metade das raparigas de Espanha. Era bastante hábil nos labores e não havia, em toda a Plasencia e arredores, ninguém que cosesse ou bordasse com tanta profusão como eu. Graças a esse trabalho, ajudei ao sustento da família desde os oito anos de idade, ao mesmo tempo que poupava para o dote que sabia que o meu avô não me daria; tinha decidido que ia ter um marido, porque preferia o destino de lidar com filhos ao futuro que

me esperava com o rezingão do meu avô. Naquele dia da Semana Santa, em vez de obedecer à minha mãe, afastei a mantilha da cara e sorri ao desconhecido. Começaram assim os meus amores com Juan, natural de Málaga. No início, o meu avô opôs-se ao namoro e a vida na nossa casa transformou-se num verdadeiro manicómio; voavam insultos e pratos, as portas de tanto bater deram cabo de uma parede e, se não fosse a minha mãe, que se punha no meio das brigas, eu e o meu avô ter-nos-íamos aniquilado. Dei-lhe tanta luta que acabou por ceder, cansado. Não sei o que Juan viu em mim, mas não me importa, pois o facto é que, pouco depois de nos conhecermos, decidimos que nos casaríamos no prazo de um ano, o tempo necessário para que ele encontrasse trabalho e eu pudesse aumentar o meu escasso dote.

Juan era um daqueles homens bonitos e alegres a quem ao princípio nenhuma mulher resiste, mas que com o tempo deseja que outra tivesse levado, porque são homens que causam demasiado sofrimento. Não se esforçava por ser sedutor, assim como não se esforçava por nenhuma outra coisa, simplesmente porque bastava a sua presença e beleza refinada para excitar as mulheres à sua volta; vivia à custa delas desde os catorze anos, idade em que começou a explorar os seus encantos. Rindo-se, dizia que já tinha perdido a conta às mulheres que tinham posto os cornos aos maridos por culpa sua e às ocasiões em que escapara, ainda ensaboadado, de um marido ciumento. «Mas tudo isso acabou, agora que estou contigo, tu és a minha vida», acrescentava para me tranquilizar, enquanto espiava a minha irmã pelo canto do olho. A sua elegância e simpatia também conquistavam o apreço dos homens, bebia e jogava bem; e tinha um repertório infinito de histórias atrevidas e planos fantásticos para fazer dinheiro fácil. Cedo compreendi que a sua mente estava fixa no horizonte e no amanhã, sempre eternamente insatisfeita. Tal como tantos outros homens daquela época, alimentava-se de histórias fabulosas sobre o Novo Mundo, onde os maiores tesouros e honras estavam ao alcance dos corajosos que se dispunham a correr riscos. Achava que estava destinado a grandes façanhas, como Cristóvão Colombo, que se lançou ao mar armado apenas com a sua coragem e acabou por encontrar a outra metade

do mundo, ou como Hernán Cortés, que obteve a mais preciosa pérola do império espanhol, o México.

– Dizem que nesse lado do mundo já está tudo descoberto – argumentava eu com esperança de o poder dissuadir.

– És tão ignorante, mulher! O que falta conquistar é muito mais do que já foi conquistado até agora. A sul do Panamá é tudo terra virgem e contém mais riquezas do que todo o império de Solimão.

Os seus planos horrorizavam-me, porque significavam que teríamos de nos separar. Além disso, tinha ouvido da boca do meu avô, que por sua vez tinha ouvido comentários na taberna, que os astecas no México faziam sacrifícios humanos. Faziam filas de mais de cinco quilómetros de comprimento, milhares e milhares de cativos desgraçados esperavam pela sua vez de subir pelos degraus dos templos, onde os sacerdotes – espantalhos desgrehados, cobertos de crostas de sangue seco e escorrendo sangue fresco – lhes arrancavam o coração com facas de obsidiana. Os corpos rolavam pelos degraus e amontoavam-se no chão; pilhas de carne em decomposição. A cidade situava-se no meio de um lago de sangue; as aves de rapina, fartas de carne humana, eram tão pesadas que nem podiam voar e as ratazanas carnívoras eram do tamanho de cães pastores. Não havia um único espanhol que desconhecesse estes factos, mas isso não amedrontava Juan.

Enquanto eu bordava e cosia desde o nascer ao pôr do Sol, para poupar para o casamento, Juan passava os dias nas tabernas e praças seduzindo tanto donzelas como meretrizes, entretendo os vizinhos e sonhando em embarcar para as Índias, único destino possível para um homem da sua envergadura, como costumava dizer. Por vezes, desaparecia durante semanas, meses até, e quando regressava não dava explicações. Onde ia? Nunca me disse, mas como falava tanto em cruzar os mares, as pessoas gozavam com ele e a mim chamavam-me «a noiva das Índias». Aguentei a sua conduta errante durante mais tempo do que o recomendável, porque tinha a razão toldada e o corpo em pulgas, como sempre me acontece quando amo um homem. Juan fazia-me rir, divertia-me com as suas canções e versos malandros, amaciava-me com beijos. Bastava que me tocasse para transformar os meus lamentos em suspiros e a minha raiva

em desejo. Quão complacente é o amor que tudo perdoa! Nunca me esqueci da primeira vez que fizemos amor, escondidos no meio dos arbustos de um bosque. Estávamos no verão e a terra palpitava, quente, fértil, com cheiro a louro. Saímos de Plasencia separados, para não dar azo às más-línguas, e descemos o monte, deixando para trás a cidade amuralhada. Encontrámo-nos no rio e corremos de mão dada até ao arvoredado, onde procurámos um lugar afastado da estrada. Juan reuniu umas folhas para fazer uma cama, despiu o gibão, para que me sentasse em cima dele, e sem pressa alguma conduziu-me pelos meandros do prazer. Tínhamos levado azeitonas, pão e uma garrafa de vinho, que eu tinha roubado ao meu avô e que bebemos em sorvos travessos da boca um do outro. Beijos, vinho, riso, o calor que a terra emanava e nós, apaixonados. Tirou-me a blusa e a roupa interior e lambeu-me os seios; disse que eram como alperces, maduros e doces, ainda que para mim se parecessem mais com ameixas verdes. Continuou a explorar o meu corpo com a língua até que julguei morrer de prazer e amor. Lembro-me de que se deitou de costas e me fez montá-lo, nua, molhada de suor e desejo, porque queria que fosse eu a impor o ritmo da nossa dança. E assim, devagar e como se estivéssemos a brincar, sem medo nem dor, perdi a minha virgindade. Num momento de êxtase, levantei os olhos para a abóbada verde do bosque e para o ardente céu de verão e gritei a plenos pulmões da mais pura e simples alegria.

Quando Juan se ausentava, arrefecia-me a paixão, embora toda eu fervilhasse de raiva, e decidia expulsá-lo da minha vida; mas bastava reaparecer com uma desculpa esfarrapada e as suas mãos de bom amante para me conquistar de imediato. E assim recomeçava outro ciclo idêntico, todo ele feito de sedução, promessas, entrega, a felicidade do amor e o sofrimento de uma nova separação. O primeiro ano passou sem que marcássemos a data do casamento, o segundo e o terceiro também. Por essa altura, a minha reputação não era das melhores, porque as pessoas diziam que fazíamos indecências atrás das portas. Era verdade, mas ninguém tinha provas disso, pois éramos muito prudentes. A mesma cigana que me augurou uma vida longa vendeu-me o segredo para não engravidar: introduzir dentro de mim uma esponja embebida em vinagre.

Estava consciente, pelos conselhos que me davam a minha irmã Asunción e as minhas amigas, de que a melhor forma de dominar um homem era negar-lhe os favores, mas nem uma santa mártir seria capaz de fazer isso com Juan de Málaga. Era eu quem procurava ocasiões para estar sozinha com ele, para podermos fazer amor em qualquer sítio, não só atrás das portas. Ele tinha a habilidade extraordinária, que nunca encontrei noutro homem, de me fazer feliz em qualquer posição e em poucos minutos. Importava-se mais com o meu prazer do que com o seu. Memorizou o mapa do meu corpo e ensinou-mo para que pudesse desfrutar sozinha. «És tão bela, mulher», dizia-me repetidamente. Eu não partilhava da sua opinião lisonjeira, mas tinha um tremendo orgulho em ser objeto de desejo do homem mais macho de toda a Extremadura. Se o meu avô soubesse que o fazíamos como os coelhos, até nos cantos mais escuros da igreja, tinha-nos matado aos dois; era extremamente zeloso com o que dizia respeito à sua honra. Grande parte dessa honra dependia da virtude das mulheres da família; por isso, quando os primeiros murmúrios lhe chegaram às orelhas peludas, encolerizou-se e ameaçou atirar comigo para o inferno à paulada. «Uma mancha na honra, disse, só se pode lavar com sangue.» A minha mãe colocou-se entre nós com os braços erguidos e aquele seu olhar capaz de deter um touro em plena corrida, para lhe fazer ver que, da minha parte, havia o maior desejo de casar, só faltando convencer Juan. Foi então que o meu avô se valeu dos seus amigos da Confraria de Vera Cruz, todos homens influentes de Plasencia, para vergar finalmente o meu relutante noivo, que já se estava a fazer rogado de mais.

Casámo-nos numa luminosa terça-feira de setembro, dia de mercado na Plaza Mayor, quando o aroma das flores, frutos e verduras frescas impregnava a cidade. Depois do casamento, Juan levou-me a Málaga, onde nos instalámos num quarto alugado, com janelas para a rua, que procurei embelezar com umas cortinas de renda de bilros, e móveis feitos pelo meu avô na sua oficina. Juan assumiu o seu papel de marido com nada mais do que a sua fantasiosa ambição, mas com todo o entusiasmo de um potro, embora já nos conhecêssemos tão bem como um casal antigo. Havia dias em que as

horas voavam enquanto fazíamos amor e nem sequer chegávamos a vestir-nos; até comíamos na cama. Apesar da paixão desmesurada que sentia, cedo me apercebi, do ponto de vista da conveniência, de que aquele casamento era um erro. Verdade seja dita, Juan não me reservou nenhuma surpresa, pois já tinha mostrado o seu verdadeiro carácter anos antes, mas uma coisa era ver as suas falhas de uma certa distância e outra era ter de conviver com elas. Que me lembre, a única virtude que o meu marido possuía era o seu instinto para me manter satisfeita na cama e o seu aspeto de toureiro, que não me cansava de admirar.

– Este homem não te serve de muito – avisou a minha mãe por ocasião de uma visita.

– Desde que me dê filhos, o resto não me importa.

– E quem é que vai sustentar as crianças? – insistiu.

– Eu, que para isso tenho agulha e linha – respondi-lhe em tom de desafio.

Estava habituada a trabalhar de sol a sol e não faltavam clientes para os meus trabalhos de costura e bordados. Além disso, fazia empadas, recheadas de carne e cebola, que cozinhava nos fornos públicos do moinho e vendia ao amanhecer na Plaza Mayor. De tantas fazer, descobri a proporção exata de gordura e farinha para obter uma massa firme, flexível e fina. As minhas empadas – ou *empanadas* – tornaram-se tão populares que, em pouco tempo, já ganhava mais dinheiro a cozinhar do que a costurar.

A minha mãe ofereceu-me uma estatueta de madeira de Nossa Senhora do Socorro, supostamente muito milagrosa, para que me abençoasse o ventre, mas o mais certo era a Virgem ter outros assuntos mais importantes entre mãos, uma vez que não prestou atenção às minhas súplicas. Há já um bom par de anos que não usava a esponja com vinagre mas, de filhos, nada. A paixão que eu e Juan partilhávamos foi-se transformando num desgosto sentido por ambos. À medida que lhe exigia mais e perdoava menos, Juan começou a afastar-se de mim.

Perto do fim, eu já mal lhe falava e ele, quando o fazia, era aos gritos, mas nunca se atreveu a bater-me, porque a única vez que me levantou a mão dei-lhe com uma frigideira de ferro na cabeça, tal

como havia feito a minha avó com o meu avô e, anos mais tarde, a minha mãe com o meu pai. Dizem que o meu pai nos abandonou por ter levado com a frigideira, mas o certo é que nunca mais o vimos. Pelo menos neste aspeto a minha família era diferente das restantes: os homens não batiam nas mulheres, só nos filhos. A pancada que dei ao Juan foi quase insignificante, mas o ferro estava quente e deixou-lhe uma marca na testa. Para um homem tão vaidoso como ele, ficar com uma queimadura minúscula foi uma tragédia, mas pelo menos aprendeu a respeitar-me. A pancada acabou de vez com as suas ameaças, mas admito que não contribuí em nada para melhorar a nossa relação; cada vez que palpava a cicatriz, os seus olhos adquiriam um brilho assassino. Castigou-me, negando-me o prazer que antes me dava com generosidade. A minha vida mudou, as semanas e meses arrastavam-se como se fosse uma condenada a remar nas galés reais, numa sucessão de trabalho e mais trabalho, sempre preocupada com a minha esterilidade e pobreza. Os caprichos e as dívidas do meu marido converteram-se numa carga pesada, que eu assumia para evitar a vergonha de enfrentar os seus credores. Acabaram-se as longas noites de beijos e as manhãs preguiçosas passadas entre lençóis; os nossos encontros eram cada vez mais raros, e quando existiam eram breves e brutais, como violações. Só os aguentei porque tinha esperança de engravidar. Hoje, ao abrigo da serenidade que a velhice nos confere, compreendo que a verdadeira bênção da Virgem foi negar-me a maternidade, permitindo-me assim levar a cabo o destino excepcional que me aguardava. Se tivesse filhos acabaria presa, como sempre acontece com as fêmeas; com filhos, teria sido abandonada por Juan de Málaga, condenada a costurar e cozinhar empadas; com filhos não teria podido conquistar este reino do Chile.

O meu marido continuava a apearaltar-se como um pavão e a gastar dinheiro como um fidalgo, certo de que eu faria o impossível para pagar as suas dívidas. Bebia de mais e visitava a rua das meretrizes, onde se perdia durante dias, até que eu pagasse a uns brutamontes para o irem buscar. Traziam-mo coberto de piolhos, exausto e cheio de vergonha. Eu tirava-lhe os piolhos e alimentava-lhe a vergonha. Deixei de admirar o seu torso e o seu perfil de

estátua e comecei a invejar a minha irmã Asunción, casada com um homem que mais parecia um javali, mas bom trabalhador e bom pai de família. Juan aborrecia-se, e eu desesperava, por isso quando se decidiu finalmente a partir para as Índias, à procura do El Dorado, uma cidade toda feita de ouro puro onde as crianças brincavam com topázios e esmeraldas, nem tentei impedi-lo. Algumas semanas mais tarde, partiu sem se despedir de mim, de um dia para o outro, com uma trouxa de roupa e os meus últimos tostões, que roubou do esconderijo atrás do fogão.

Juan tinha-me contagiado com os seus sonhos, apesar de nunca ter visto com os meus olhos nenhum aventureiro que tivesse regressado das Índias rico; vinham, muito pelo contrário, miseráveis, doentes e loucos. Os que faziam fortuna acabavam por perder tudo e os donos das grandes fazendas, como então se dizia que por lá havia, não as podiam trazer com eles. Mesmo assim, estas e outras razões esfumavam-se perante a pujante atração que o Novo Mundo exercia. Bem vistas as coisas, não desfilavam, nas ruas de Madrid, carruagens repletas de barras de ouro indiano? Porém, eu não era como o Juan, que acreditava que havia, de facto, uma cidade toda feita de ouro, com águas encantadas que nos concederiam a juventude eterna, ou nas amazonas que se divertiam com os homens e os mandavam embora carregados de joias, mas suspeitava de que naquela terra havia um bem ainda mais precioso do que tudo o resto: a liberdade. Nas Índias, cada um era dono de si mesmo, ninguém se curvava perante ninguém, todos podiam cometer erros e recomeçar, ser outra pessoa, viver uma outra vida. Lá ninguém arrastava a desonra por muito tempo e até os mais humildes podiam tornar-se grandiosos. «Em cima da minha cabeça só o meu chapéu de plumas», dizia Juan. Como podia censurar essa aventura ao meu marido se até eu, caso fosse homem, a teria empreendido?

Quando Juan se foi embora, voltei para Plasencia e fui viver com a família da minha irmã e com a minha mãe, porque por aquela altura já o meu avô tinha morrido. Tinha-me transformado em mais uma «viúva das Índias», como tantas outras mulheres na Extremadura. De acordo com os costumes da época, deveria vestir-me de luto, com um véu a tapar-me o rosto, renunciar à vida social

e submeter-me à vigilância da minha família, do meu confessor e das autoridades. Oração, trabalho e solidão, era só o que o futuro me reservava, mas nunca tive feito de mártir. Se era certo que os conquistadores das Índias sofriam, muito mais sofriam as suas esposas que ficavam em Espanha. Preparei-me para escapar ao controlo da minha irmã e do marido, que me tinham quase tanto medo como tinham à minha mãe, e só para não me enfrentarem abstinham-se de indagar sobre a minha vida privada; bastava-lhes que não desse um escândalo. Continuei a atender os clientes que precisavam dos meus serviços de costura, continuei a vender as empadas na Plaza Mayor e até me dava ao luxo de assistir às festas populares. Também ia ao hospital ajudar as freiras a tratar dos doentes e das vítimas da peste e das facadas, porque desde muito jovem que me interessava o ofício de curar; não sabia que um dia, mais tarde, essa vocação ser-me-ia indispensável, assim como o talento para cozinhar e encontrar água. Herdei da minha mãe o talento de localizar lençóis de água subterrâneos. Calhava-nos muitas vezes a tarefa de acompanhar um labrego qualquer – e às vezes um senhor – aos campos, para lhes indicar onde deviam abrir o poço. É fácil, segura-se com delicadeza um ramo fino de uma árvore saudável e vai-se caminhando lentamente pelo terreno fora até que o ramo, ao sentir a presença da água, se inclina em direção ao chão. Então, é ali que se deve cavar o poço. As pessoas diziam que eu e a minha mãe podíamos enriquecer à conta desse talento, porque na Extremadura quem tem um poço tem um tesouro, mas nós fazíamos-lo sempre de graça, porque se cobrássemos por um favor desses perderíamos o dom. Este talento ainda havia de me servir um dia para salvar um exército inteiro.

Durante vários anos recebi muito poucas notícias do meu marido, excetuando três breves mensagens provenientes da Venezuela, que o padre me leu e ajudou a responder. Juan dizia que estava a passar por muitos trabalhos e perigos, que ali iam parar os homens mais dissolutos, que era necessário andar sempre armado, atento e sempre a espreitar por cima do ombro. Dizia que havia muito ouro, apesar de ainda não ter visto nenhum, e que regressaria rico, construir-me-ia um palácio e dar-me-ia uma vida digna de

duquesa. Entretanto, os meus dias iam passando muito lentamente, enfadonhos e com muita pobreza, porque gastava apenas o suficiente para sobreviver e guardava todo o resto num buraco que tinha no chão. Sem dizer nada a ninguém, pois queria evitar mexericos, decidi-me a seguir Juan na sua aventura, custasse o que custasse, não por amor, porque já não o sentia, nem por lealdade, que ele não merecia, mas porque sonhava ser livre. No Novo Mundo, onde ninguém me conhecia, podia ser dona de mim mesma.

Uma fogueira de impaciência queimava-me lentamente o corpo. As minhas noites eram um inferno, dava voltas e mais voltas na cama, recordando as felizes ocasiões em que fazia amor com Juan, na época em que nos desejávamos. Ficava cheia de calor em pleno inverno, vivia zangada comigo própria e com o resto do mundo por ter nascido mulher e estar condenada à prisão dos costumes. Bebia tisanas para dormir, como me aconselhavam as freiras do hospital, só que em mim não surtiam qualquer efeito. Tentava rezar, como me mandava o padre, mas era incapaz de acabar um Pai-nosso sem me perder em pensamentos confusos, porque o Diabo, que se mete em tudo, se metia também comigo. «Precisas de um homem, Inés. Tudo se pode fazer com discrição...» dizia a minha mãe, sempre prática. Para uma mulher na minha situação era fácil conseguir um homem; até o meu confessor, um frade malcheiroso e lascivo, queria que pecássemos juntos no seu confessionário poeirento, em troca de umas quantas indulgências para atenuar a minha pena no purgatório. Nunca cedi; era um velho maldito. Se tivesse querido, homens não me faltavam; ainda tive alguns, quando o aguilhão do demónio me atormentava além do suportável, mas eram meros encontros por necessidade, sem qualquer futuro. Estava atada ao fantasma de Juan e presa na solidão. Na realidade, não era propriamente viúva, mas não podia voltar a casar-me, sendo o meu papel esperar, apenas esperar. Não seria então preferível enfrentar os perigos do mar e das terras bárbaras, em vez de envelhecer e morrer sem na verdade ter vivido?

Depois de pedir durante anos, consegui obter, finalmente, a licença real para embarcar rumo às Índias. A Coroa protegia os vínculos matrimoniais e procurava reunir as famílias, para povoar

o Novo Mundo com lares legítimos e cristãos, mas não tinha pressa nenhuma em tomar decisões; em Espanha é tudo muito lento, como aliás bem sabemos. Só davam licença às mulheres casadas para se reunirem aos seus maridos se estas fossem acompanhadas por algum familiar ou uma pessoa de respeito. No meu caso foi Constanza, a minha sobrinha de quinze anos, filha da minha irmã Asunción, uma rapariga tímida, com vocação religiosa, que escolhi por ser a mais saudável da família. O Novo Mundo não é para gente delicada. Não lhe pedimos opinião mas, a avaliar pela birra que fez, suponho que a viagem foi tudo menos do seu agrado. Os pais entregaram-na com a promessa, redigida e selada por um escrivão, de que, uma vez me tivesse reunido com o meu marido, a mandaria de volta para Espanha e lhe daria um dote para que pudesse entrar no convento, promessa que não pude cumprir, não por falta de honra da minha parte, mas sim da parte de Constanza, como se verá mais à frente. Para conseguir os meus papéis de embarque, duas testemunhas tiveram de interceder por mim para garantir que não fazia parte das pessoas proibidas, não era moura nem judia, mas sim uma antiga cristã convicta. Ameacei o padre dizendo-lhe que denunciaria a sua concupiscência ao Tribunal Eclesiástico e consegui que testemunhasse por escrito que eu era uma pessoa de grande qualidade moral. Com as minhas poupanças comprei os bens necessários para a travessia, uma lista demasiado extensa para que a detalhe aqui, embora me lembre exatamente do seu conteúdo. Basta dizer que levava alimentos para três meses, incluindo uma gaiola com galinhas, roupa e acessórios de casa para me estabelecer nas Índias.

Pedro de Valdivia cresceu num casarão de pedra em Castuera, solar de fidalgos pobres, mais ou menos a três dias de caminho a sul de Plasencia. Tenho pena que não nos tenhamos conhecido quando éramos jovens, quando ele era um garboso alferes de passagem pela minha cidade, ao regressar de uma das suas muitas campanhas militares. É possível que tenhamos andado no mesmo dia pelas mesmas ruas tortuosas, ele já um homem, com a espada à cintura e com o vistoso uniforme dos cavaleiros do rei, e eu ainda uma miúda de

tranças claras, como as usava na altura, ainda que tenham escurecido entretanto. Talvez nos tenhamos cruzado na igreja, quiçá a sua mão possa ter roçado na minha na pia de água benta e os nossos olhares se tenham cruzado, sem nos reconhecermos mutuamente. Nem aquele soldado endurecido, curtido pelas durezas do mundo, nem eu, uma menina costureira, jamais poderíamos adivinhar aquilo que o destino nos reservava.

Pedro era oriundo de uma família de militares sem fortuna, mas de grande nobreza, cujas proezas recuavam até aos tempos anteriores a Cristo, quando os seus antepassados lutaram contra o exército romano, continuaram a lutar durante setecentos anos de peijas contra os sarracenos e, da família, saíam ainda varões de enorme valentia para combater nas eternas guerras entre os monarcas do mundo cristão. Os seus antepassados tinham descido das montanhas para se instalarem na Extremadura. Pedro cresceu a ouvir a sua mãe a contar as façanhas dos sete irmãos do Valle de Ibia, os Valdivia, que enfrentaram um monstro pavoroso numa batalha cruel. De acordo com o relato da matrona inspirada, não se tratava de um dragão comum – corpo de lagarto, asas de morcego e duas ou três cabeças de serpente –, como o de São Jorge, mas sim de uma besta dez vezes maior e mais feroz, já com muitos séculos de vida, que encarnava a maldade de todos os inimigos de Espanha, desde os romanos aos árabes e até mesmo aos malvados dos franceses, que em tempos recentes se tinham atrevido a disputar o direito ao trono do nosso soberano. – «Imagina lá filho, nós a falar francês!» – intercalava habitualmente a senhora no seu relato. Um a um, os irmãos Valdivia foram caindo, chamuscados pelas labaredas que o monstro cuspiu ou dilacerados pelas suas garras de tigre. Quando seis dos irmãos tinham perecido e a batalha estava perdida, o irmão mais novo, que ainda estava de pé, cortou um ramo bastante grosso de uma árvore, afiou ambas as extremidades e introduziu-a na boca da besta. O dragão começou a contorcer-se de dor, dando golpes com a cauda com uma força tal que a nuvem de pó levantada viajou pelo ar até África. Então, o herói pegou na espada com ambas as mãos e cravou-a no coração do monstro, libertando a Espanha. Era precisamente desse jovem, o mais bravo dos bravos, que Pedro descendia por linha materna e, para o provar, bastavam

dois troféus: a espada, que permanecia ainda na família, e o escudo de armas, ilustrado por duas serpentes que mordiam o tronco de uma árvore no meio de um campo de ouro. O lema da família era: *A morte, quando menos temida, dá mais vida*. Com uns antepassados deste gabarito, não admira que Pedro obedecesse, desde a mais tenra idade, ao chamamento das armas. A sua mãe gastou o que lhe restava do dote para o apetrechar para a dita empresa: cota de malha e armadura completa, armas de cavaleiro, um escudeiro e dois cavalos. A lendária espada dos Valdivia não era mais do que um ferro oxidado, pesada como chumbo, que apenas possuía um valor decorativo e histórico; por isso, comprou-lhe também uma espada do melhor aço de Toledo, flexível e leve. Com ela, Pedro lutaria nos exércitos espanhóis, sob o estandarte de Carlos V, conquistaria o reino mais remoto do Novo Mundo e, junto dela, já partida e ensanguentada, viria a morrer.

O jovem Pedro de Valdivia, criado entre livros e os cuidados da sua mãe, partiu para a guerra com o entusiasmo de quem só tinha visto abater porcos na praça pública por um matador, espetáculo brutal a que o povo inteiro gostava de assistir. A inocência durou tanto como o resplandecente estandarte com o escudo da sua família, que ficou feito em farrapos logo na primeira batalha.

Nas tropas espanholas ia outro fidalgo atrevido, Francisco de Aguirre, que se transformou de imediato no melhor amigo de Pedro. Francisco era tão fanfarrão e espampanante como Pedro era calmo, mas ambos gozavam de igual fama de guerreiros valentes e valorosos. A família Aguirre era de origem basca, mas tinham-se mudado para Talavera de la Reina, perto de Toledo. Desde muito novo, o jovem Francisco deu mostras de uma audácia suicida; procurava o perigo porque se sentia protegido pela cruz de ouro que levava ao peito, oferta da sua mãe. Pendurado no mesmo cordão usava um relicário com uma mecha de cabelo castanho, pertencente à bela rapariga que amava desde pequeno, um amor proibido porque eram primos direitos. Francisco tinha jurado permanecer celibatário, uma vez que não podia casar-se com a prima, mas isso não o impedia de usufruir dos favores de todas as fêmeas que se colocavam ao alcance do seu temperamento feroso. Alto, bonito, de riso franco e uma voz de tenor, perfeita para animar tabernas e enamorar mulheres, ninguém conseguia

resistir-lhe. Pedro avisava-o muitas vezes para que tivesse cuidado, porque o mal francês² não escolhe mouros, judeus ou cristãos, mas Francisco confiava na cruz da mãe que, tal como já se tinha revelado uma proteção infalível na guerra, muito provavelmente continuaria a ser sua protetora em relação às consequências da luxúria. Aguirre, amável e galante em sociedade, transformava-se numa fera quando estava no campo de batalha, ao contrário de Valdivia, que se mostrava sereno e um perfeito cavaleiro, mesmo quando se encontrava perante os mais gélidos perigos. Ambos sabiam ler e escrever, tinham estudado e eram mais cultos do que a maioria dos fidalgos. Pedro tinha recebido uma instrução esmerada de um sacerdote com quem convivera durante a sua juventude, que era tio da sua mãe, e circulava até o boato de que, na realidade, o sacerdote era o pai dele, apesar de este nunca se ter atrevido a perguntar-lho diretamente. Achava que seria um insulto à honra da sua mãe. Além disso, Aguirre e Valdivia tinham em comum o facto de terem nascido no ano de 1500, ano em que nasceu o sacrossanto imperador Carlos V, rei de Espanha, Alemanha, Áustria, Flandres, Índias Ocidentais, parte de África e mais meio mundo. Os jovens não eram supersticiosos, mas vangloriavam-se por estarem unidos ao rei pela mesma estrela; logo, estariam também eles destinados a façanhas militares semelhantes. Acreditavam ainda que nesta vida não havia melhor propósito do que ser um soldado ao serviço de tão valoroso líder; admiravam a estatura titânica do rei, a sua coragem indomável, a sua habilidade de cavaleiro e espadachim, o seu talento para a estratégia de guerra e a sua faceta de homem estudioso da paz. Pedro e Francisco agradeciam o facto de terem nascido católicos, o que garantia a salvação da alma, e espanhóis, ou seja, superiores aos restantes mortais. Eram fidalgos de Espanha, soberana do mundo, nação grandiosa em largura e comprimento, mais poderosa do que o antigo império romano, escolhida por Deus para descobrir, conquistar, cristianizar, fundar e povoar os recantos mais remotos da Terra. Tinham a idade de vinte anos quando partiram para combater na Flandres e, logo de seguida, nas campanhas de Itália, onde aprenderam que em tempos de guerra a crueldade é uma virtude e, uma

² Sífilis. (*N. da T.*)

vez que a morte é a companheira inseparável dos soldados, mais vale ter a alma preparada.

Os dois oficiais lutavam sob o comando de um soldado extraordinário, o marquês de Pescara, cuja aparência algo efeminada podia ser enganadora, porque debaixo da armadura de ouro e dos atavios de seda bordados com pérolas com que se apresentava no campo de batalha, estava um gênio militar excepcional, como aliás demonstrou mais de mil e uma vezes. Em 1524, durante a guerra entre França e Espanha pela posse do território italiano, o marquês e dois mil dos seus melhores soldados espanhóis desapareceram de forma misteriosa, engolidos por uma neblina invernosa. Correram rumores de que teriam desertado e circulavam por todo o lado canções a escarnecer dos soldados, acusando-os de traição e cobardia, enquanto eles, escondidos num castelo, se preparavam com o maior sigilo. Estávamos no mês de novembro e o frio congelava a alma dos desgraçados soldados acampados no pátio do castelo. Não entendiam por que motivo estavam ali, entumecidos e ansiosos, em vez de andarem a combater contra os franceses. O marquês de Pescara não demonstrava ter qualquer pressa, esperando pelo momento oportuno com a paciência de um caçador. Quando já tinham passado várias semanas, deu sinal aos seus homens para se prepararem para a ação. Pedro de Valdivia ordenou aos homens do seu batalhão que vestissem as armaduras sobre os camiseiros de lã, tarefa difícil de cumprir porque, ao tocar no gélido material, os homens ficavam com os dedos colados, e deu-lhes lençóis brancos para se cobrirem. Assim, como se fossem espetros brancos, desfilaram num silêncio absoluto, a tiritar de frio, durante toda a noite, até que, ao amanhecer, chegaram às proximidades da fortaleza inimiga. Os vigias das torres repararam num estranho movimento na neve, mas pensaram que se tratava das sombras das árvores, agitadas pelo vento. Só viram os espanhóis que se arrastavam em ondas brancas sobre o solo branco precisamente no instante anterior ao ataque surpresa que, entretanto, os fulminou. Essa vitória retumbante transformou o marquês de Pescara no militar mais famoso do seu tempo.

Um ano mais tarde, Valdivia e Aguirre participaram na batalha de Pavia, a formosa cidade das cem torres, na qual os franceses

saíram mais uma vez derrotados. O rei de França, que lutava desesperado, foi feito prisioneiro por um dos soldados da companhia de Pedro de Valdivia, que o derrubou do cavalo sem saber de quem se tratava, e por pouco não lhe cortou o pescoço. A oportuna intervenção de Valdivia impediu que o rei fosse morto, alterando assim o percurso da história. Jazendo no campo de batalha encontravam-se mais de dez mil mortos; durante semanas, o ar esteve infestado de moscas e o solo de ratazanas. Dizem que ainda hoje os repolhos e as couves-flor da região nascem com ossos no meio das folhas. Valdivia percebeu que, pela primeira vez, a responsável pela vitória não tinha sido a cavalaria, mas sim duas novas armas: os mosquetes, difíceis de carregar, mas de longo alcance, e os canhões de bronze, mais leves e facilmente transportáveis que os de ferro forjado. Outro elemento decisivo foi a participação de milhares de mercenários, suíços e lansquenetes alemães, famosos pela sua brutalidade, mas que Valdivia desprezava, porque para ele, a guerra, como tudo o resto, era uma questão de honra. O combate em Pavia levou-o a meditar sobre a importância da estratégia e das armas modernas: já não bastava a coragem demente de homens como Francisco de Aguirre, a guerra era uma ciência que exigia estudo e lógica.

Depois da batalha em Pavia, esgotado e a coxear por causa de um golpe de lança na anca, que lhe curaram com azeite a ferver, mas que se abria ao menor esforço, Pedro de Valdivia regressou a casa, a Castuera. Estava em idade de se casar, perpetuar o apelido da família e tomar conta das terras, ermas de tanto tempo de ausência e descuido, como a sua mãe não se cansava de repetir. O ideal seria encontrar uma noiva com um dote considerável, já que a empobrecida fazenda dos Valdivia precisava de dinheiro para recuperar. Havia várias candidatas escolhidas pela família e pelo padre, todas de bom-nome e fortuna, as quais ele viria a conhecer enquanto convalescia da ferida. Mas os planos da família não surtiram o resultado esperado. Pedro viu Marina Ortiz de Gaete no único sítio em que a podia encontrar em público: à saída da missa. Marina tinha treze anos e ainda a vestiam com as saias rodadas armadas com

crinolinas próprias da infância. Ia acompanhada pela ama e por uma escrava, que segurava um guarda-sol sobre a sua cabeça, ainda que o dia estivesse nublado; jamais um raio de sol tinha tocado naquela translúcida pele da pálida rapariga. Tinha um rosto angelical, o cabelo louro e luminoso, o andar vacilante de quem carrega com demasiados saiotes e um ar de inocência tal que logo fez Pedro esquecer o desejo de melhorar as condições da fazenda. Não sendo homem para cálculos mesquinhos, foi seduzido de imediato pela beleza e virtude da jovem Marina. Mal descobriu que não estava comprometida, começou a cortejá-la, apesar de a jovem não ter muito dinheiro nem o dote correspondente aos seus encantos. A família Ortiz de Gaete também desejava para a sua filha uma união com benefícios económicos, mas não pôde recusar um cavalheiro de tão ilustre estirpe e comprovada valentia como Pedro de Valdivia, por isso a única condição que impôs foi que a boda se realizasse apenas quando Marina cumprisse catorze anos. Entretanto, Marina deixou-se mimar pelo seu pretendente com a timidez de um coelho, ainda que tenha esquecido essa mesma timidez quando lhe disse que também contava os dias para o tão esperado acontecimento. Pedro estava no apogeu da sua virilidade, era bem constituído, tinha o peito forte e o corpo bem proporcionado, aspeto nobre, nariz proeminente, queixo autoritário e olhos azuis, bastante expressivos. Já naquela altura usava o cabelo puxado para trás, preso num rabo de cavalo curto, cara escanhoada, bigode engomado e a barbicha estreita que sempre o caracterizou durante toda a vida. Vestia-se com elegância, empregava gestos confiantes, falava pausadamente e impunha respeito, mas também sabia ser galante e meigo. Marina perguntava-se, admirada, por que teria reparado nela um homem de tamanho orgulho e valentia. Casaram-se no ano seguinte, quando a menina começou a menstruar, e instalaram-se no modesto solar dos Valdivia.

Marina assumiu a sua condição de casada com a melhor das intenções, mas ainda era demasiado jovem e aquele marido de temperamento sóbrio e estudioso assustava-a. Não tinham nada sobre o que falar. Ela aceitava, perturbada, os livros que ele sugeria, sem se atrever sequer a confessar-lhe que só sabia ler um par de frases

e assinar o seu nome com um traço hesitante. Tinha vivido sempre protegida do mundo exterior e desejava continuar assim; os discursos do seu marido sobre política ou geografia aterrorizavam-na. Preferia rezar e bordar as requintadas batinas para o padre. Não tinha experiência para tomar conta da casa e os criados não respeitavam as suas ordens, dadas com voz de criança, de modo que foi a sua sogra que continuou a ocupar-se de tais tarefas, enquanto ela continuava a ser tratada como a criança que ainda era. Decidiu-se, então, a aprender a realizar as fastidiosas tarefas domésticas, ajudada pelas mulheres mais velhas da família, mas não tinha ninguém com quem falar sobre o outro aspeto da vida matrimonial, muito mais importante do que aprender a pôr a mesa ou a fazer contas.

Enquanto a relação com Pedro consistiu em visitas vigiadas pela ama e mensagens gentis, Marina foi feliz, mas o entusiasmo esfumou-se quando se meteu na cama com o seu marido. Ignorava por completo o que ia acontecer na primeira noite de casada; ninguém a tinha preparado para a deplorável surpresa com que se deparou. No seu enxoval tinha várias camisas de algodão, largas e compridas até aos tornozelos e apertadas no pescoço e nos punhos com fitas de seda, com um buraco em forma de cruz na parte da frente. Nunca se lembrou de perguntar para que servia aquele buraco e também ninguém lhe explicou que por ali teria contacto com as partes mais íntimas do seu marido. Nunca tinha visto um homem nu e achava que as diferenças entre os homens e as mulheres consistiam unicamente nos pelos que eles tinham na cara e no tom de voz. Quando, na escuridão, sentiu o hálito de Pedro e as suas enormes mãos a tatear por entre as pregas da camisa de dormir, em busca do buraco bordado primorosamente, deu-lhe um coice como se fosse uma mula e saiu aos gritos pelo corredor do casarão de pedra. Apesar das boas intenções, Pedro não era um amante cuidadoso e a sua experiência limitava-se a relações ocasionais com mulheres de virtude negociável, pelo que entendeu que precisaria de muita paciência. A sua esposa era ainda uma menina e o seu corpo ainda estava a desenvolver-se, não valia a pena forçá-la. Tentou iniciá-la aos poucos, mas a inocência de Marina, que tanto o tinha cativado no início, revelou-se um obstáculo impossível de ultrapassar. Para Pedro, as noites eram

uma frustração, para Marina um tormento, e nenhum dos dois se atrevia a falar do assunto à luz do dia. Pedro voltou-se para os seus estudos e para as terras e lavradores, enquanto queimava energias na prática da esgrima e da equitação. No fundo, estava a preparar-se e a despedir-se. Quando o chamamento da aventura se tornou irresistível, alistou-se novamente sob os estandartes de Carlos V, com o sonho secreto de alcançar a glória militar do marquês de Pescara.

Em fevereiro de 1527, as tropas espanholas achavam-se em frente às muralhas de Roma, sob as ordens do condestável de Bourbon. Os espanhóis, seguidos por quinze companhias de ferozes mercenários suíços e alemães, aguardavam uma oportunidade de entrar na cidade dos Césares e, assim, ressarcir-se de muitos meses sem receber o soldo. Tratava-se de uma horda de soldados esfomeados e insubordinados, dispostos a esvaziar os tesouros de Roma e do Vaticano. Mas nem todos eram mercenários e velhacos; entre as tropas espanholas ia um par de corajosos oficiais, Pedro de Valdivia e Francisco de Aguirre, que se tinham reencontrado depois de dois anos de afastamento. Abraçaram-se como irmãos e partilharam as novidades da vida de cada um. Valdivia exibiu um medalhão com um retrato em miniatura do rosto de Marina pintado por um português, judeu confesso que tinha conseguido enganar a Inquisição.

– Ainda não tivemos filhos, porque Marina é muito jovem, mas se Deus quiser, há de haver muito tempo para isso – comentou Pedro.

– Se não nos matarem antes, queres tu dizer! – exclamou o amigo.

Francisco confessou, por sua vez, que continuava a partilhar um amor platónico e muitos segredos com a sua prima, que já tinha ameaçado o pai de que entraria para um convento se este a forçasse a casar-se com outro homem. Valdivia disse-lhe que aquela ideia não era de todo disparatada, já que, para muitas mulheres nobres, o convento, para onde ingressavam com um séquito completo de criadas, dinheiro próprio e todos os luxos a que estavam habituadas, era preferível a um casamento imposto pela família.

– No caso da minha prima seria um lamentável desperdício, meu caro amigo. Uma jovem tão bonita e cheia de saúde, criada para

o amor e para a maternidade, não se deve amortilhar em vida por baixo de um hábito. Mas numa coisa tens razão, prefiro vê-la convertida em freira do que casada com outro. Nunca o permitiria, teríamos de acabar com a vida, juntos – assegurou Francisco, de forma enfática.

– E condenarem-se ambos ao fogo do inferno? Tenho a certeza de que a tua prima optará por ir para o convento. E tu? Que planos tens para o futuro? – perguntou Valdivia.

– Quero continuar a combater, enquanto puder, e visitar a minha prima na sua cela de monja pela calada da noite. – Riu-se Francisco, tocando na cruz e no relicário que levava ao peito.

Roma estava mal protegida pelo Papa Clemente VII, homem com maiores aptidões para enredos políticos do que para estratégias de guerra. Mal as hostes inimigas se aproximaram das portas da cidade, no meio de uma densa neblina, o Pontífice fugiu do Vaticano por um túnel secreto, para o castelo de Sant'Angelo, protegido por canhões. Consigo levou três mil pessoas, entre as quais o célebre escultor e ourives, Benvenuto Cellini, tão conhecido pelo seu insigne talento artístico como pelo seu mau carácter; o Papa delegou nele as decisões militares, simplesmente porque deduziu que se até ele estremecia perante o artista, não havia razão para que os exércitos do condestável de Bourbon não estremecessem também.

No primeiro assalto a Roma, o condestável levou um tiro fatal de mosquete que o atingiu num olho. Mais tarde, Benvenuto Cellini gabar-se-ia de que fora ele a disparar a bala que matou o infante, ainda que, na verdade, nunca tivesse estado sequer perto dele. Mas quem se atreveria a contradizê-lo? Antes que os capitães conseguissem impor a ordem, as tropas, descontroladas, lançaram-se a ferro e fogo contra a indefesa cidade e tomaram-na numa questão de horas. Durante os primeiros oito dias, os massacres foram tão cruéis que o sangue jorrava pelas ruas e coagulava entre as pedras milenares. Mais de quarenta e cinco mil pessoas fugiram da cidade e o resto da aterrorizada população sumiu-se no fogo do inferno. Os vorazes invasores queimaram igrejas, conventos, hospitais, palácios e casas particulares. Mataram a torto e a direito, incluindo os loucos e doentes dos hospícios e os animais domésticos; torturaram os homens para os obrigar a entregar o que pudessem ter escondido; violaram quantas mulheres

e meninas puderam encontrar; assassinaram desde os bebês de peito até aos anciãos. O saque, como se fosse uma interminável orgia, continuou durante semanas. Os soldados, bêbados de sangue e de álcool, arrastavam pelas ruas as obras de arte destruídas e as relíquias religiosas, decapitavam de igual modo pessoas e estátuas, roubavam tudo o que cabia nas suas bolsas e reduziam o resto a pó. Os famosos frescos da Capela Sistina salvaram-se porque foi ali que velaram o corpo do condestável de Bourbon. No rio Tibre flutuavam milhares de cadáveres e o ar estava saturado com o fétido cheiro a carne em decomposição. Cães e corvos devoravam os corpos lançados para todo o lado; mais tarde, chegaram as suas fiéis companheiras da guerra, a fome e a peste, que logo atacaram de igual modo os desgraçados romanos e os seus agressores.

Durante esses dias aziagos, Pedro de Valdivia percorria Roma com a espada na mão, furioso, procurando inutilmente evitar a pilhagem e a matança e impor alguma ordem entre a soldadesca, mas os quinze mil soldados estrangeiros não o reconheciam como chefe e estavam dispostos a eliminar quem se atravessasse no seu caminho. Um dia, Valdivia deu consigo em frente a um convento quando este estava a ser atacado por uma dúzia de mercenários alemães. As freiras, sabendo que nenhuma mulher escapava às violações, tinham-se reunido no pátio formando um círculo em redor de uma cruz, no centro do qual estavam as jovens noviças, imóveis, de mãos dadas e cabeça baixa, a rezar num suave murmúrio. Vistas de longe pareciam pombas. Pediam ao Senhor que impedisse que fossem conspurcadas, que tivesse piedade delas enviando-lhes uma morte rápida.

– Para trás! Quem se atrever a cruzar este umbral, terá de se ver comigo! – rugiu Pedro de Valdivia, brandindo a sua espada com a mão direita e um pequeno sabre com a mão esquerda.

Alguns soldados pararam, surpreendidos, calculando se valeria, de facto, a pena enfrentar aquele imponente e determinado oficial espanhol, ou se seria mais conveniente passar à casa seguinte, mas outros lançaram-se em tropel ao ataque. A seu favor, Valdivia tinha o facto de ser o único soldado sóbrio e com quatro estocadas certas

colocou fora de combate outros tantos alemães, mas nessa altura os demais soldados do grupo já se tinham recomposto da surpresa inicial e também se lançaram a ele. Apesar de terem a mente toldada pelo álcool, os alemães eram guerreiros tão formidáveis como Valdivia e não tardou muito que o cercassem completamente. Se, por um golpe de sorte, Francisco de Aguirre não tivesse aparecido a seu lado, aquele teria sido muito provavelmente o último dia de vida do oficial da Extremadura.

– A mim, seus teutões filhos da puta! – gritava o basco tremendo, vermelho de raiva, enorme, brandindo a espada como se fosse um garrote.

A confusão atraiu a atenção de outros espanhóis que por ali passavam e que depararam com os seus compatriotas em grande perigo. Em menos de um quarto de hora, armou-se uma verdadeira batalha campal em frente ao convento. Meia hora mais tarde, os assaltantes bateram em retirada, deixando vários deles a esvaír-se em sangue no meio da rua, e só então os oficiais puderam trancar as portas do convento. A Madre Superiora pediu às freiras mais corajosas que recolhessem as que tinham desmaiado e se colocassem às ordens de Francisco de Aguirre, que se tinha oferecido para organizar a defesa do convento, fortificando os muros.

– Ninguém está seguro em Roma. Por agora, os mercenários retiraram-se, mas não há dúvida de que regressarão e mais vale estarem preparadas – avisou-as Aguirre.

– Vou arranjar uns mosquetes e Francisco ensinar-vos-á a usá-los – decidiu Valdivia, a quem não escapou o brilho picaresco do olhar do amigo ao imaginar-se sozinho com uma boa vintena de noviças virgens e um punhado de freiras maduras, mas gratas e ainda apetecíveis. Sessenta dias depois, terminou finalmente o horroroso saque de Roma, que pôs fim a uma época – o papado renascentista em Itália – e ficaria para a história como uma mancha infame na vida do nosso imperador Carlos V, embora este sempre se tivesse encontrado demasiado afastado do local.

Sua Santidade, o Papa, pôde abandonar o seu refúgio no castelo de Sant'Angelo, mas foi feito prisioneiro e recebeu maus-tratos da parte dos presos comuns, que inclusivamente lhe roubaram o anel

pontifical e lhe deram um chuto no traseiro que o atirou de bruços para o chão, por entre as gargalhadas dos soldados.

Podiam apontar-se muitos defeitos a Benvenuto Cellini, mas não era homem de esquecer os favores que lhe prestavam; por isso, quando a Madre Superiora do convento o visitou para lhe dar conta de como um jovem oficial espanhol tinha salvo a sua congregação e tinha permanecido durante semanas no edifício para as defender, Cellini quis conhecer o dito benfeitor. Horas depois, a freira acompanhou Francisco de Aguirre ao palácio. Cellini recebeu-o num dos salões do Vaticano, entre escombros e móveis estragados deixados pelos assaltantes. Os dois homens trocaram breves cortesias.

– Dizei-me, senhor, o que desejais em troca da vossa corajosa intervenção? – perguntou abruptamente Cellini, que não era homem de rodeios.

Vermelho de raiva, Aguirre levou a mão instintivamente ao punho da espada.

– Insultais-me! – exclamou.

A Madre Superiora colocou-se entre eles e, com o peso da sua autoridade, afastou-os com um gesto altivo, pois não havia tempo para fanfarronices. Pertencia à família do *condottiere* genovês Andrea Doria, era uma mulher de posses e linhagem, habituada a mandar.

– Basta! Rogo-vos que perdoeis esta ofensa involuntária, *don* Francisco de Aguirre. Vivemos tempos difíceis, já correu muito sangue, já se cometeram pecados espantosos, por isso não é de estranhar que até os bons modos sejam relegados para segundo plano. O senhor Cellini sabe que Vossa Mercê não defendesteis o nosso convento por interesse, mas sim pela honradez do vosso coração. A última coisa que o senhor Cellini pretende é ofender-vos. Seria um privilégio para nós que o senhor aceitasse um sinal do nosso apreço e gratidão...

A Madre Superiora fez um gesto ao escultor para que aguardasse e levou Aguirre por uma manga até ao outro lado do salão. Cellini ouviu-os cochichar durante muito tempo. Quando a sua escassa paciência estava prestes a esgotar-se, os dois regressaram e a Madre expôs o pedido do jovem oficial, enquanto este, com os olhos fixos nas biqueiras das botas, transpirava.

E foi assim que Benvenuto Cellini obteve autorização do Papa Clemente VII, antes que este fosse conduzido para o desterro, para que Francisco de Aguirre se pudesse casar com a sua prima direita. O jovem basco correu alvoroçado até ao amigo Pedro de Valdivia para lhe contar o que tinha acontecido. Tinha os olhos húmidos e a sua voz de gigante tremia, mal conseguindo acreditar em semelhante prodígio.

– Não sei se esta é uma boa notícia, Francisco. Tu colecionas conquistas como o nosso sagrado imperador coleciona relógios. Não te imagino convertido em marido – observou Valdivia.

– A minha prima é a única mulher que jamais amei! As outras são seres sem rosto, só existem por um momento para satisfazer o apetite que o Diabo colocou dentro de mim.

– O Diabo coloca dentro de nós inúmeros e muito variados apetites, mas Deus dá-nos a clareza moral para os controlarmos. É isso que nos diferencia dos animais.

– És soldado há tantos anos, Pedro, e ainda acreditas que somos diferentes dos animais... – brincou Aguirre.

– Não tenhas dúvidas. O destino do homem é conseguir elevar-se para além da bestialidade, conduzir a vida de acordo com os ideais mais nobres e salvar a sua alma.

– Às vezes assustas-me, Pedro, falas como um frade. Se não conhecesse a tua virilidade como conheço, diria que te falta aquele instinto primordial que anima os machos.

– Não careço desse instinto, podes ter a certeza, mas não permito que isso determine a minha conduta.

– Não sou tão nobre como tu, mas o amor casto e puro que sinto pela minha prima é a minha redenção.

– Agora que te vais casar com essa jovem idealizada, tens um problema muito sério pela frente. Como vais tu conciliar os teus hábitos libidinosos com esse amor? – perguntou Pedro, com um sorriso trocista.

– Não vou ter qualquer problema, Pedro. Com beijos, retirarei a minha prima do altar de santa em que a coloquei e amá-la-ei com uma paixão imensa – respondeu Aguirre, cheio de vontade de rir.

– E a fidelidade?

– A minha prima há de certificar-se de que a fidelidade não falte no nosso casamento, mas eu não posso renunciar às mulheres, da mesma forma que não posso renunciar ao vinho e à espada.

Francisco de Aguirre viajou apressado até Espanha para se casar antes que o indeciso Pontífice mudasse de ideias. O facto é que Francisco conseguiu aliar o sentimento platónico que nutria pela prima à sua indomável sensualidade, ao que ela respondeu sem a mínima sombra de timidez, porque o ardor deste casal chegou a ser lendário. Dizem que os vizinhos se juntavam na rua, em frente à casa dos Aguirre, para se deliciarem com o escândalo que causavam e para fazer apostas sobre o número de assaltos amorosos que haveria naquela noite.

Depois de muita guerra, sangue, pólvora e lodo, Pedro de Valdivia também regressou à sua terra natal, precedido pela fama das suas campanhas militares; com experiência adquirida à custa de muito esforço e uma bolsa de ouro que pretendia usar para reerguer o seu património empobrecido. Marina esperava-o transformada numa mulher. Já não tinha os tiques de menina mimada; tinha agora dezassete anos e a sua beleza, etérea e serena, era um convite à contemplação, como se fosse uma obra de arte. Tinha um ar distante de sonâmbula, como se pressentisse que a sua vida seria uma eterna espera. Na primeira noite que passaram juntos, ambos repetiram, como autómatos, os mesmos gestos e silêncios de antes. Na escuridão do quarto, os seus corpos uniram-se sem alegria; ele tinha medo de a assustar, ela tinha medo de pecar; ele desejava cortejá-la, ela desejava que amanhecesse. Durante o dia, cada um assumia o papel que lhe competia, conviviam no mesmo espaço sem se tocarem. Marina acolheu o marido com um carinho ansioso e solícito que, em vez de lhe agradar, o incomodava. Não precisava de tanta atenção, mas de alguma paixão; no entanto, não se atrevia a pedir-lha, porque supunha que a paixão não era própria de uma mulher decente e religiosa como ela. Sentia-se vigiado por Marina, preso nos laços invisíveis de um sentimento ao qual não sabia corresponder. Não gostava do olhar suplicante com que o seguia pela casa, da sua tristeza muda ao

despedir-se dele, nem da expressão de recriminação velada com que o recebia após uma breve ausência. Marina parecia-lhe intocável e só conseguia deleitar-se observando-a a uma certa distância, enquanto ela bordava, absorta nos seus pensamentos e orações, iluminada como uma santa de catedral pela luz dourada de uma janela. Para Pedro, os encontros atrás das pesadas e poeirentas cortinas do leito conjugal, que já tinham servido a três gerações de Valdivias, perderam o encanto, simplesmente porque ela se negou a trocar a camisa de dormir com o buraco em forma de cruz por uma roupa menos assustadora. Pedro sugeriu-lhe que falasse com outras mulheres, mas Marina não podia falar desse assunto com ninguém. Depois de cada relação, ficava horas a rezar ajoelhada no chão de pedra daquela casa enorme varrida por correntes de ar, imóvel, humilhada por não ser capaz de satisfazer seu marido. Contudo, secretamente, ficava feliz, porque esse sentimento a distinguia das mulheres da vida e a aproximava da santidade. Pedro já lhe tinha explicado que entre marido e mulher o pecado da lascívia não existe, já que o propósito da cópula é a concepção de filhos, mas Marina não conseguia evitar o arrepio que lhe percorria a espinha cada vez que ele lhe tocava. O temor que o seu confessor lhe incutira pelo inferno e o pudor que se deve ter em relação ao próprio corpo era fortíssimo. Nos anos em que conviveu com ela, Pedro só tinha visto a cara, as mãos e, ocasionalmente, os pés da mulher. Sentia-se tentado a arrancar-lhe a camisa de dormir à força, mas o terror que se refletia nas pupilas de Marina quando ele se aproximava logo o desencorajava. Este terror contrastava com o olhar terno que tinha durante o dia, quando ambos estavam vestidos. Marina não tomava a iniciativa no amor, nem em qualquer outro aspeto da sua vida comum, nem sequer mudava de expressão ou humor, era uma ovelha sossegada. Pedro sentia-se irritado com tanta submissão, apesar de considerar que era uma característica tipicamente feminina. Não entendia os seus próprios sentimentos. Quando casou com ela, ainda ela era uma menina, desejou mantê-la no estado de inocência e pureza que tanto o tinha seduzido, mas agora só desejava que se revoltasse e o desafiasse.

Valdivia tinha chegado a capitão muito rapidamente, devido à sua valentia excecional e à enorme capacidade de liderança que possuía,

mas, apesar da sua brilhante carreira, não estava orgulhoso do seu passado. Depois do saque de Roma, era atormentado por pesadelos recorrentes nos quais aparecia uma jovem mãe, abraçada aos seus filhos, disposta a saltar de uma ponte para um rio de sangue. Conhecia os limites da abjeção humana e o fundo negro da alma, sabia que os homens expostos à brutalidade da guerra são capazes de levar a cabo ações terríveis e ele não se sentia diferente dos demais. Quando se confessava, era sempre absolvido pelo padre, que apenas lhe atribuía penas mínimas, porque os pecados cometidos em nome de Espanha e da Igreja não podiam ser considerados pecados. Não obedecia ele a ordens superiores? E não era o inimigo merecedor de uma sorte tão vil? *Ego te absolvo ab omnibus censuris, et peccatis, in nomine Patri, et Filii, et Spiritui Sancti, Amen.* Para quem já sentiu a exaltação de matar não há escapatória nem absolvição, pensava Pedro. O vício secreto de todos os soldados, inclusivamente de Pedro, era o gosto que se ganhava pela violência, caso contrário seria quase impossível fazer a guerra. A rude camaradagem das casernas, o coro de rugidos viscerais com que os homens se lançavam unidos nas batalhas, a indiferença comum perante a dor e o medo, faziam-no sentir-se vivo. Aquele prazer feroz de trespassar um corpo com a espada, o satânico poder de retirar a vida a outro homem e o fascínio pelo sangue derramado eram vícios demasiado poderosos. Um soldado começa a matar por dever e acaba fazendo-o por hábito. Nada se lhe podia comparar. Mesmo para ele, que era temente a Deus e se orgulhava de ser capaz de controlar as suas paixões, o instinto de matar, uma vez libertado, era mais forte do que o instinto de viver. Comer, fornicar e matar, segundo o seu amigo Francisco de Aguirre, era a isso que se resumia o homem. A única salvação da sua alma era evitar a tentação da espada. De joelhos, diante do altar-mor da catedral, jurou dedicar o resto da sua existência a fazer o bem, servir a Igreja e a Espanha, não cometer excessos e reger a sua vida por princípios morais severos. Já tinha estado às portas da morte por várias ocasiões e Deus tinha-o poupado para que pudesse expurgar as suas culpas. Pousou a sua espada de Toledo junto à espada do seu antepassado e decidiu ganhar juízo.

O capitão converteu-se, então, num cidadão aprazível, preocupado

com assuntos plebeus, o gado e as colheitas, as secas e as geadas, as conspirações e as invejas do povo. Leituras, jogos de cartas, missas e mais missas. Como era um estudioso da lei escrita e do direito, as pessoas consultavam-no sobre assuntos legais e até as autoridades judiciais se inclinavam a seguir os seus conselhos. O seu maior prazer eram os livros, sobretudo as crónicas de viagens e os mapas, que estudava detalhadamente. Tinha aprendido de memória o poema de El Cid, *o Campeador*, adorava as crónicas fantásticas de Solino e as viagens imaginárias de John Mandeville, mas a leitura que realmente preferia eram as notícias do Novo Mundo que se publicavam em Espanha. As proezas de Cristóvão Colombo, Fernão de Magalhães, Américo Vespúcio, Hernán Cortés e tantos outros que o mantinham acordado de noite; com os olhos cravados no baldaquino de brocado da cama, sonhava acordado em descobrir longínquos recantos do planeta, conquistá-los, fundar cidades, levar a Cruz da glória de Deus para terras bárbaras, gravar o seu nome a ferro e fogo na História. Entretanto, a sua esposa ia bordando batinas com fio de ouro e rezando um terço atrás do outro numa ladainha interminável. Apesar de Pedro se aventurar várias vezes por semana através da humilhante abertura da camisa de dormir de Marina, os desejados filhos tardavam em chegar. E assim se passaram os anos, entediados e lentos, na letargia do verão e no recolhimento do inverno. *Dureza extrema, Extremadura.*

Certo dia, vários anos mais tarde, quando Pedro de Valdivia já se tinha resignado a envelhecer sem glória junto da sua mulher e na silenciosa casa de Castuera, eis que chega de visita um viajante que estava de passagem, com uma carta de Francisco de Aguirre. Chamava-se Jerónimo de Alderete e era oriundo de Olmedo. Tinha um rosto agradável, cabelo farto e ondulado cor de mel, bigode turco com as pontas engomadas para cima e os olhos incandescentes de um sonhador. Valdivia recebeu-o com a hospitalidade característica de um bom espanhol, oferecendo-lhe a sua casa, que carecia de luxos, mas sempre era mais confortável e segura do que as hospedarias de então. Estávamos no inverno e Marina tinha mandado acender a lareira da

sala principal, mas os troncos de madeira ardente não conseguiam dissipar as correntes de ar nem as sombras. Era naquela sala espartana, quase desprovida de móveis e adornos, que decorria a vida do casal; era ali que ele lia e ela se ocupava com a agulha, ali comiam e era ali também que se encontrava, encostado a uma parede, o altar com dois genuflexórios à frente, onde ambos rezavam. Marina serviu aos homens um vinho áspero, feito em casa, salsichão, queijo e pão, retirando-se logo de seguida para bordar à luz de um candelabro, enquanto os homens falavam.

Jerónimo de Alderete tinha por missão recrutar homens para a campanha das Índias e, então, para os tentar, exibia nas tabernas e praças um grosso colar de contas de ouro lavrado, unidas com um firme fio de prata. A carta que Francisco de Aguirre enviava para o seu amigo Pedro falava sobre o Novo Mundo. Exultante, Alderete falou ao seu anfitrião das fabulosas possibilidades que o dito continente oferecia, e que andavam na boca de toda a gente. Disse que já não havia lugar para as mais nobres façanhas naquela Europa, corrupta, envelhecida, dilacerada por conspirações políticas, intrigas cortesãs e prédicas de hereges, como os luteranos, que dividiam a Cristandade. O futuro estava do outro lado do oceano, assegurou. Havia muito trabalho a fazer nas Índias ou América, nome esse dado a essas terras por um certo cartógrafo alemão em honra de Américo Vespúcio, um navegante florentino vaidoso que nem sequer teve o mérito de as descobrir, ao contrário de Cristóvão Colombo. Na opinião de Alderete deviam tê-las chamado de *Cristovanas* ou *Colômbicas*. Mas enfim, o que estava feito, feito estava, e também não era esse o motivo da sua visita, acrescentou. O que mais fazia falta no Novo Mundo eram fidalgos de coração indómito, com a espada numa mão e a cruz na outra, dispostos a descobrir e conquistar. Era absolutamente impossível imaginar a vastidão de tais lugares, o verde infinito das suas selvas, a abundância dos seus rios cristalinos, a profundidade dos seus lagos de águas mansas, a opulência das suas minas de ouro e prata. Sonhar, não tanto com tesouros, mas com a glória, viver uma vida completa, lutar contra os selvagens, cumprir um destino superior e, com a graça de Deus, fundar uma dinastia. Era possível alcançar tudo isso e muito mais para além das novas fronteiras do império, disse, onde havia

aves de plumagem adornada com joias e mulheres da cor do mel, que andavam nuas e eram complacentes, «perdoai-me, *doña* Marina, é uma forma de falar...», acrescentou. Na língua castelhana não havia palavras suficientes para descrever a abundância do que crescia naquelas terras: pérolas do tamanho de ovos de codorniz, ouro que caía das árvores e tanta terra e índios disponíveis, que qualquer soldado podia converter-se em senhor de uma fazenda do tamanho de uma província espanhola. E o mais importante, afiançou, era que os numerosos povos aguardavam pela palavra do Deus Único e Verdadeiro e pela bondade da nobre civilização castelhana. Acrescentou ainda que o amigo que tinham em comum, Francisco de Aguirre, também desejava embarcar e a sua sede de aventura era tal que estava disposto a deixar a sua esposa amantíssima e os cinco filhos que ela lhe tinha dado ao longo destes anos.

– Acreditaís que na Terra Nova ainda há oportunidades para homens como nós? – perguntou Valdivia. – Já passaram quarenta anos desde a chegada de Colombo e vinte e seis desde que Cortés conquistou o México...

– E passaram também vinte e seis anos desde que Fernão de Magalhães iniciou a sua viagem à volta do mundo. Como podeis ver, a Terra está em expansão, as oportunidades são infinitas. Não é só o Novo Mundo que está aberto à exploração, também o estão a África, a Índia, as ilhas Filipinas e muito, muito mais – insistiu o jovem Alderete.

Repetiu-lhe o que já se ouvia um pouco por toda a Espanha: a conquista do Peru e do seu faustoso tesouro. Uns anos antes, dois soldados desconhecidos, Francisco Pizarro e Diego de Almagro, associaram-se na empresa de chegar ao Peru. Desafiando perigos homéricos por terra e mar, realizaram duas viagens: partiram do Panamá em navios e avançaram pela despedaçada costa do Pacífico às cegas, sem mapas, rumo ao Sul, sempre o mesmo Sul. Guiavam-se através dos rumores dos índios de diversas tribos, que se referiam a um lugar onde os utensílios de cozinha e lavoura tinham esmeraldas incrustadas, onde nos rios corria um caudal de prata, onde as folhas das árvores e os escaravelhos eram de ouro vivo. Como não sabiam por onde andavam, paravam muitas vezes para desembarcar e explorar tais regiões,

nunca antes pisadas por europeus. Muitos castelhanos morreram pelo caminho, e muitos outros sobreviveram alimentando-se de cobras e vermes. Na terceira viagem, na qual participou Diego de Almagro, que tinha andado a recrutar soldados e a arranjar financiamento para fazer zarpar outro navio, Pizarro e os seus homens alcançaram finalmente o território dos incas. Sonâmbulos de cansaço e suor, extraviados de mar e céu, os espanhóis desceram dos seus navios maltratados numa terra benigna de vales férteis e montanhas majestosas, muito diferente da selva envenenada do Norte. Eram sessenta e dois cavaleiros andrajosos e cento e seis exaustos soldados a pé. Começaram a andar com cautela com as suas pesadas armaduras, levando uma cruz na frente, os mosquetes carregados e as espadas desembainhadas. Um povo da cor da madeira foi ao encontro deles, iam vestidos de finos tecidos coloridos e falavam numa língua de doces vogais, mostrando-se assustados, porque nunca tinham visto nada parecido com aqueles seres barbudos, metade besta metade homem. Ambas as partes devem ter ficado surpreendidas, uma vez que os navegantes jamais imaginaram encontrar uma civilização como aquela. Ficaram perplexos perante as obras de engenharia e arquitetura, os tecidos e as joias. O inca Atahualpa, soberano daquele império, encontrava-se então numas termas de águas medicinais, onde estava acampado com um luxo apenas comparável ao de Solimão, *o Magnífico*, e tinha como companhia milhares de cortesãos. Um dos capitães de Pizarro foi até lá para o convidar a conferenciar com ele. O inca recebeu-o, juntamente com o seu faustoso séquito, numa tenda branca, rodeada de flores e árvores de frutos plantadas em vasos de materiais preciosos, entre piscinas de água quente, onde brincavam centenas de princesas e magotes de crianças. Estava escondido atrás de uma cortina, porque ninguém podia olhá-lo cara a cara, mas a curiosidade foi mais forte do que o protocolo e Atahualpa quis afastar a cortina para observar de perto o estrangeiro barbudo. O capitão encontrou-se em frente a um monarca ainda jovem e de feições agradáveis, sentado num trono de ouro maciço, debaixo de um dossel de penas de papagaio. Não obstante as estranhas circunstâncias, uma centelha de simpatia recíproca brotou entre o soldado espanhol e o nobre *quíchua*. Atahualpa ofereceu ao pequeno grupo de visitantes um banquete

servido em louça de ouro e prata incrustada de ametistas e esmeraldas. O capitão transmitiu o convite de Pizarro ao inca, mas sentia-se angustiado porque sabia que, de acordo com a estratégia habitual dos conquistadores, se tratava de uma artimanha para o fazer prisioneiro. Bastaram-lhe poucas horas para aprender a respeitar aqueles indígenas; pelo contrário, de selvagens não tinham nada, eram até mais civilizados do que muitos povos europeus. Confirmou, admirado, que os incas tinham conhecimentos avançados de astronomia e tinham mesmo elaborado um calendário solar, além de que tinham um registo dos milhões de habitantes do seu extenso império, que controlavam com uma organização social e militar verdadeiramente impecável. No entanto, não tinham desenvolvido a escrita, as suas armas eram rudimentares, não usavam a roda nem tinham animais de carga ou de montar, só umas delicadas ovelhas de patas altas com olhos enamorados, os lamas. Adoravam o Sol, que só exigia sacrifícios humanos em ocasiões trágicas, como uma doença do inca ou algum revés na guerra, sendo então necessário aplacá-lo através de uma oferenda de virgens ou crianças. Enganados pelas falsas promessas de amizade, o inca e a sua extensa corte chegaram desarmados à cidade de Cajamarca, onde Pizarro tinha preparado uma cilada. O soberano viajava num palanquim de ouro transportado em andas pelos seus ministros; seguia-o o seu harém de formosas donzelas. Os espanhóis, depois de matar os milhares de cortesãos que se puseram na frente de Atahualpa para o proteger com os seus corpos, tomaram o soberano como prisioneiro.

– Não se fala de outra coisa que não seja o tesouro do Peru. A notícia é como uma febre, contagiou meia Espanha. Dizei-me, é verdade o que se diz? – perguntou Valdivia.

– Certamente, embora pareça inacreditável. Em troca pela sua liberdade, o inca ofereceu a Pizarro o conteúdo em ouro de um aposento com cerca de 22 pés de comprimento por 17 de largura e 9 de altura.

– Mas é uma soma impossível!

– É o maior resgate da história. Foi pago sob a forma de joias, estátuas e taças, mas foi tudo derretido para ser convertido em barras de ouro com o selo real espanhol. De nada serviu a Atahualpa

entregar semelhante fortuna, que os seus súbditos foram trazendo dos lugares mais longínquos do império como se fossem diligentes formigas; Pizarro, depois de o ter feito prisioneiro durante nove meses, condenou-o a morrer queimado. No último instante, mudou a sentença para uma morte mais branda, o garrote vil, se o inca concordasse em ser batizado – explicou Alderete. Acrescentou que Pizarro pensava ter boas razões para o fazer, já que supostamente o cativo tinha instigado uma sublevação a partir da sua cela. De acordo com os espões, havia dois mil *quíchuas* provenientes de Quito e trinta mil do Caribe, que comiam carne humana, preparados para avançar sobre os conquistadores espanhóis em Cajamarca, só que a morte do inca obrigou-os a desistir. Soube-se mais tarde que tal exército nunca existiu.

– De qualquer forma, é difícil explicar como um punhado de espanhóis conseguiu derrotar a refinada civilização que descreveis. Estamos a falar de um território maior que a Europa – disse Pedro de Valdivia.

– Era um império muito vasto, mas frágil e jovem. Quando Pizarro lá chegou, tinha apenas um século de existência. Além disso, os incas são um povo ocioso, nada puderam fazer contra a nossa coragem, armas e cavalos.

– Suponho que Pizarro se tenha aliado aos inimigos do inca, como fez Hernán Cortés no México.

– Assim foi. Atahualpa e o seu irmão Huáscar mantinham uma guerra fratricida e Pizarro e Almagro, que chegou ao Peru um pouco depois para os derrotar, valeram-se disso.

Alderete explicou ainda que no império do Peru nem uma folha se movia sem o conhecimento das autoridades, já que todos eram servos. Com uma parte do tributo que os súbditos pagavam, o inca alimentava e protegia órfãos, viúvas, doentes e anciãos e guardava reservas para os tempos menos afortunados. Mas apesar destas medidas razoáveis, inexistentes em Espanha, o povo odiava o soberano e a sua corte, porque vivia submetido à servidão das castas dos militares e dos religiosos, os *orejones*. Segundo disse, para o povo era exatamente a mesma coisa estar sob o domínio dos incas ou dos espanhóis; por isso não opuseram grande resistência aos invasores.

De qualquer forma, a morte de Atahualpa deu a vitória a Pizarro; ao privar o império da cabeça que o unia, este pura e simplesmente se desmoronou.

– Esses dois homens, Pizarro e Almagro, uns bastardos sem educação nem fortuna, são o melhor exemplo do que se pode alcançar no Novo Mundo. Não só ficaram riquíssimos, como foram cobertos de honras e títulos pelo nosso imperador – acrescentou Alderete.

– Só se fala de fama e riqueza, só se fala das campanhas que tiveram êxito: ouro, pérolas, esmeraldas, terras e povos submetidos, nunca ninguém fala dos perigos – argumentou Valdivia.

– Tens razão. E os perigos são infinitos. Para conquistar esses solos virgens, precisamos de homens de muita coragem.

Valdivia corou. Duvidaria por acaso aquele jovem da sua coragem? Mas logo de seguida admitiu que, se assim fosse, estaria no seu pleno direito. Até ele mesmo duvidava; há muito tempo que não punha à prova a sua própria coragem. O mundo mudava a passos largos. Tinha tido a sorte de nascer numa época esplêndida, durante a qual se revelavam finalmente os mistérios do Universo: não só se descobriu que a Terra era redonda como também havia quem sugerisse que afinal esta rodava em torno do Sol e não o contrário. E o que fazia ele enquanto tudo isso acontecia? Contava ovelhas e cabras, apanhava bolotas e azeitonas. Uma vez mais, Valdivia teve consciência do tédio que o envolvia. Estava farto de gado e lavradores, de jogar cartas com os vizinhos, de missas e rosários, de reler os mesmos livros – quase todos proibidos pela Inquisição – e de vários anos de encontros forçados e estéreis com a sua mulher. O destino, encarnado na pele deste jovem de entusiasmo refulgente, batia-lhe mais uma vez à porta, tal como tinha acontecido nos tempos da Lombardia, Flandres, Pavia, Milão e Roma.

– Quando partis para as Índias, Jerónimo?

– Se Deus mo permitir, ainda este ano.

– Podeis contar comigo – disse Pedro de Valdivia num sussurro, para que Marina não o ouvisse. Tinha os olhos postos na sua espada de Toledo, que estava pendurada em cima da lareira.

*

Em 1537 despedi-me da minha família, que não voltaria a ver, e viajei com a minha sobrinha Constanza até à formosa cidade de Sevilha, perfumada de flor de laranjeira e jasmim, e dali, navegando pelas águas calmas do Guadalquivir, chegámos ao movimentado porto de Cádiz, com as suas ruelas empedradas e cúpulas mouriscas. Embarcámos no navio do mestre Manuel Martín, de três mastros e duzentas e quarenta toneladas, lento, pesado, mas seguro. Uma fila de homens transportou a carga para bordo: barris de água, cerveja, vinho e azeite, sacos de farinha, carne seca, aves vivas, uma vaca e dois porcos para consumir durante a viagem, além de vários cavalos, animal que no Novo Mundo se vendia ao preço do ouro. Certifiquei-me de que os meus pertences fossem bem amarrados e armazenados no espaço que o mestre Manuel Martín me destinou. A primeira coisa que fiz quando me instalei na nossa pequena cabina foi montar um altar em honra da Nossa Senhora do Socorro.

– Tendes muita coragem em fazer esta viagem, *doña* Inés. O vosso marido está à vossa espera onde? – quis saber Manuel Martín.

– Para dizer a verdade não sei, mestre.

– Como? Não está à vossa espera em Nova Granada?

– A última carta que me enviou veio de um lugar a que chamam Coro, na Venezuela, mas isso já foi há muito tempo e pode ser que já lá não esteja.

– As Índias são um território mais vasto do que todo o restante mundo conhecido. Não vos será fácil encontrar o vosso marido.

– Hei de procurá-lo até o encontrar.

– De que forma, minha senhora?

– Da forma habitual, perguntando...

– Então desejo-vos sorte. Esta é a primeira vez que viajo com mulheres. Rogo-vos, a vós e à vossa sobrinha, que sejais prudentes – acrescentou o mestre.

– O que quereis dizer com isso?

– Sois ambas jovens e atraentes. Adivinhais, sem dúvida, a que me refiro. Passada uma semana no mar, a tripulação começa a sentir falta das mulheres e, havendo duas a bordo, a tentação será muito forte. Além disso, os marinheiros acreditam que a presença feminina atrai tempestades e outras desgraças. Pelo vosso bem e pela

minha tranquilidade, preferiria que não tivésseis contacto com os meus homens.

O mestre era um galego baixo, de costas largas e pernas curtas, com um nariz proeminente, olhitos de rato e pele curtida como couro, pelo sal e vento das travessias marítimas. Tinha começado a servir como grumete aos treze anos e contavam-se pelos dedos de uma mão os anos que tinha passado em terra firme. O seu aspeto tosco contrastava com a gentileza dos seus modos e a bondade da sua alma, aliás como seria evidente mais tarde, quando veio em meu auxílio num momento de grande necessidade.

É uma pena que, na altura, eu não soubesse escrever, porque teria começado a tomar notas. Apesar de ainda não suspeitar de que a minha vida seria merecedora de uma crónica como esta, aquela viagem merecia ser registada detalhadamente, já que muito poucas pessoas tinham cruzado a salgada extensão do oceano, águas de chumbo, fervilhando de vida secreta, pura abundância e terror, misto de espuma, vento e solidão. Neste relato, escrito muitos anos depois de ter feito a travessia, é meu desejo ser o mais fiel possível à verdade, mas a memória é sempre caprichosa, fruto do que se viveu, desejou e fantasiou. A linha que separa a realidade da imaginação é muito ténue e, na minha idade, já não interessa muito, porque tudo é subjetivo. A memória também está tingida pela vaidade. Neste preciso momento em que a Morte está sentada numa cadeira junto à minha mesa, à espera, ainda sou avassalada pela vaidade, não só para pintar as faces de carmim quando recebo visitas, mas também para escrever a minha história. Haverá alguma coisa mais pretensiosa do que uma autobiografia?

Eu nunca tinha visto o oceano: achava que era como um rio muito largo, mas nunca imaginei que não se conseguisse ver a outra margem. Abstive-me de fazer comentários, para não denunciar a minha ignorância e o medo, que logo me gelou os ossos quando o navio zarpou para as águas abertas e começou a balançar. Éramos sete passageiros e todos, menos Constanza, que tinha um estômago muito forte, enjoámos. A minha indisposição foi tal que no segundo dia supliquei ao mestre Martín que me desse um bote a remos para eu voltar para Espanha. Deu uma gargalhada e obrigou-me a tomar um

gole de rum, que teve a virtude de me transportar até outro mundo durante trinta horas, ao fim das quais ressuscitei, abatida e esverdeada; só então consegui beber um caldo que a minha gentil sobrinha me deu em pequenas colheradas. Tínhamos deixado para trás a terra firme e navegávamos por entre águas sombrias, debaixo de um céu infinito, completamente desamparados. Não conseguia entender como o piloto se orientava naquela paisagem sempre igual, guiando-se pelo seu astrolábio e pelas estrelas do firmamento. Assegurou-me que podia estar tranquila, pois já tinha feito esta viagem muitas vezes e a rota era bem conhecida por espanhóis e portugueses, que já a percorriam há décadas. As cartas de navegação já não eram segredos bem guardados, até os malditos ingleses tinham acesso a elas. Já com as cartas do estreito de Magalhães ou da costa do Pacífico a história era outra, elucidou-me; os navegadores guardavam-nas com as suas próprias vidas, pois eram mais valiosas do que qualquer tesouro do Novo Mundo.

Nunca me habituei ao movimento das ondas, ao estalar das tábuas, ao ranger dos ferros, ao golpear incessante das velas fustigadas pelo vento. Mal conseguia dormir de noite. De dia, sentia-me atormentada com a falta de espaço e, sobretudo, com os olhos de cães esfomeados com que os homens me encaravam. Tinha de conquistar a minha vez para usar o fogão e colocar a nossa panela, da mesma forma que conquistava a minha vez de ir à latrina, um caixote com um orifício sobre o oceano. Contrariamente a mim, Constanza nunca se queixava e até parecia andar satisfeita. Um mês depois de termos começado a viagem, os alimentos começaram a escassear e a água, já infecta, teve de ser racionada. Mudei a gaiola das galinhas para o nosso camarote, porque me roubavam os ovos, e levava-as a apanhar ar duas vezes por dia, atadas por uma pata com um cordel.

A certa altura tive de usar a minha frigideira para me defender de um marinheiro mais ousado, um tal de Sebastián Romero, cujo nome não esqueci, porque sei que nos encontraremos no purgatório. Na promiscuidade daquele barco, este homem, a pretexto do movimento das ondas, aproveitava a mais pequena oportunidade para se atirar para cima de mim. Avisei-o várias vezes para me deixar em paz, mas isso ainda o excitava mais. Uma noite, surpreendeu-me,

sozinha, no reduzido espaço sob a ponte destinado à cozinha. Antes que conseguisse deitar-me a unha, senti o seu hálito fétido na nuca e, sem pensar duas vezes, dei meia volta e bati-lhe com a frigideira na cabeça, tal como anos antes tinha feito ao pobre Juan de Málaga, quando este me tentou bater. Sebastián Romero tinha o crânio mais mole que Juan e caiu desamparado no chão, onde permaneceu adormecido durante vários minutos, enquanto eu fui buscar uns trapos para lhe tapar a ferida. Não derramou tanto sangue como seria de esperar, ainda que, depois, lhe tenha inchado a cara e ficado da cor da beringela. Ajudei-o a pôr-se de pé e, como a nenhum dos dois convinha que se soubesse a verdade, concordámos em dizer que ele tinha batido contra uma viga.

Entre os passageiros da embarcação ia um cronista e desenhador, Daniel Belalcázar, enviado da Coroa com a missão de traçar mapas e deixar testemunho das suas observações. Era um homem de trinta e tantos anos, delgado e forte, de rosto anguloso e pele cor de azeitona, como um andaluz. Andava de proa a popa, para a frente e para trás durante horas a fio, para exercitar os músculos, penteava-se com uma trança curta e tinha uma argola de ouro na orelha esquerda. A única vez em que um membro da tripulação o gozou, deitou-o ao chão com um murro no nariz e nunca mais se meteram com ele. Belalcázar, que viajava desde muito jovem e conhecia as costas mais remotas da África e da Ásia, contou-nos que, em determinada ocasião, fora feito prisioneiro pelo Barba Ruiva, o temível pirata turco, e vendido como escravo na Argélia, de onde conseguiu escapar ao fim de dois anos, depois de muito sofrimento. Andava sempre com um caderno grosso debaixo do braço, envolto numa tela encerada, onde escrevia os seus pensamentos com uma letra minúscula, do tamanho de uma formiga. Entretinha-se a desenhar os marinheiros nas suas tarefas e, em especial, a desenhar a minha sobrinha. Como se preparava para ir para o convento, Constanza vestia-se como uma noviça, com um hábito de tecido grosseiro que ela própria tinha costurado, e cobria a cabeça com um triângulo do mesmo tecido, que não lhe deixava um único cabelo

à vista, lhe tapava metade da testa e apertava por baixo do queixo. No entanto, aquele traje horroroso não conseguia esconder o seu porte altivo nem os seus olhos esplêndidos, negros e brilhantes, como duas azeitonas. Primeiro, Belalcázar conseguiu que Constanza posasse para ele, logo depois que desfizesse o penteado que usava, próprio de uma velha, e deixasse a brisa agitar-lhe os caracóis negros. Digam lá o que disserem os documentos com selos oficiais sobre a pureza de sangue da nossa família, desconfio que nas nossas veias corre uma boa parte de sangue sarraceno. Sem o hábito, Constanza parecia uma daquelas odaliscas das tapeçarias otomanas. Chegou um dia em que começámos a passar fome. Lembrei-me então das *empanadas* e consegui convencer o cozinheiro, um negro do Norte de África com o rosto marcado por cicatrizes, a dar-me farinha, gordura e um pouco de carne seca, que coloquei de molho em água do mar antes de ser cozinhada. Das minhas próprias reservas cedi azeitonas, passas, ovos cozidos picados aos bocadinhos, para renderem mais, e cominhos, uma especiaria barata que dá um sabor bastante peculiar aos guisados. Daria tudo para ter algumas cebolas, daquelas que abundam em Plasencia, mas não havia nenhuma na adega. Cozinhei o recheio, bati a massa e preparei umas *empanadas* frias, porque não tínhamos forno. Fizeram tanto sucesso que, a partir desse dia, todos contribuíam com alguma coisa para o recheio. Fiz *empanadas* de lentilhas, grão-de-bico, peixe, galinha, salsichão, queijo, polvo e tubarão, e assim ganhei a consideração dos marinheiros e dos passageiros. O respeito, obtive-o depois de uma tempestade, cauterizando feridas e compondo ossos partidos a um par de marinheiros, conforme tinha aprendido a fazer no hospital das freiras em Plasencia. Esse foi o único incidente digno de relato, além de termos conseguido escapar dos corsários franceses que assaltavam barcos espanhóis. Se nos apanhassem – como explicou o mestre Manuel Martín –, iríamos sofrer um terrível destino, porque estavam muito bem armados. Ao saber do perigo que se podia abater sobre nós, eu e a minha sobrinha caímos de joelhos em frente da imagem de Nossa Senhora do Socorro, rezando com fervor para que nos salvasse e ela concedeu-nos o milagre, fazendo aparecer uma neblina tão densa que os franceses nos perderam de

vista. Daniel Belalcázar disse que a neblina já lá estava antes de começarmos a rezar; o timoneiro só teve de se dirigir na sua direção.

Este Belalcázar era um homem de pouca fé, mas muito entendido noutras coisas. À tarde, costumava deleitar-nos com os relatos das suas viagens e com a descrição daquilo que encontraríamos no Novo Mundo. «Nada de ciclopes, gigantes ou homens com quatro braços e cabeça de cão, mas encontrareis certamente seres primitivos e malvados, especialmente entre os castelhanos», dizia em tom de brincadeira. Assegurou-nos de que os habitantes do Novo Mundo não eram todos selvagens; os astecas, incas e maias eram mais refinados que nós, pelo menos tomavam banho e não andavam sempre cobertos de piolhos.

– Cobiça, apenas cobiça – acrescentou. – No dia em que os espanhóis pisaram o Novo Mundo começou o fim dessas culturas. De início, receberam-nos bem. A sua curiosidade superou a prudência. Como perceberam que os estranhos barbudos vindos do mar gostavam de ouro, esse metal mole e inútil que a eles lhes sobra, ofereceram-no a mãos-cheias. No entanto, não tardou muito que o nosso apetite insaciável e orgulho brutal os ofendessem. E como não havia de ofender! Os nossos soldados abusam das suas mulheres, entram nas suas casas e tomam sem pedir licença o que lhes dá na real gana e o primeiro que tente fazer-lhes frente é logo derrubado à pancada. Proclamam que a terra, onde mal acabaram de chegar, pertence a um soberano que vive do outro lado do mar e depois querem que os nativos adorem uns paus em forma de cruz.

– Que ninguém vos oiça falar assim, senhor Belalcázar! Ainda vos acusam de trair o imperador e de ser herege – avisei-o.

– Não digo senão a verdade. Havereis de ver por vós própria, que os conquistadores não têm vergonha nenhuma: chegam como mendigos, comportam-se como ladrões e creem-se uns senhores.

Aqueles três meses de travessia foram tão longos como três anos, mas serviram para que pudesse saborear a liberdade. Não havia família – a não ser a tímida Constanza –, nem vizinhos nem frades a observar-me; não tinha de prestar contas a ninguém. Livrei-me dos vestidos negros de viúva e dos espartilhos que me aprisionavam

a carne. Daniel Belalcázar, por sua vez, conseguiu convencer Constanza a largar o hábito e a vestir as minhas saias.

Os dias pareciam intermináveis, e as noites ainda mais. A sujidade, a falta de espaço, a escassa e péssima comida, o mau humor dos homens, tudo contribuía para o martírio que foi aquela travessia, mas pelo menos não fomos atormentados por serpentes marinhas capazes de engolir um barco inteiro, monstros, tritões e sereias que enlouquecem os marinheiros, almas de náufragos, barcos-fantasma e fogos-fátuos. A tripulação alertou-nos para estes e outros perigos que habitavam os mares, mas Belalcázar assegurou-nos de que nunca tinha visto nenhum deles.

Num sábado de agosto chegámos, por fim, a terra firme. A água do oceano, antes negra e profunda, transformou-se em água azul-celeste e cristalina. O bote conduziu-nos até uma praia de areias ondulantes acariciadas por ondas mansas. Os tripulantes ofereceram-se para nos carregar, mas Constanza e eu levantámos um pouco as saias e atravessámos as águas; preferimos mostrar as pernas do que ir aos ombros dos homens como se fôssemos sacos de farinha. Nunca imaginei que o mar fosse morno; visto do barco parecia muito frio.

A aldeia consistia numas cabanas de cana brava com tetos de folhas de palmeira; a única rua que existia era um lodaçal e não havia igreja; apenas uma cruz de pau sobre um promontório indicava a casa de Deus. Os escassos habitantes daquela povoação perdida eram uma mescla de marinheiros de passagem, negros e pardos, para além dos índios, os quais eu via pela primeira vez, uma pobre gente que andava quase despida, miserável. Fomos envolvidos por uma natureza densa, verde, quente. A imensa humidade empapava até os nossos pensamentos e o sol abatia-se implacavelmente sobre nós. A roupa tornou-se insuportável e tirámos os colarinhos, os punhos, as meias e os sapatos.

Depressa descobri que Juan de Málaga não estava naquele local. O único que se lembrava dele era o Padre Gregorio, um infeliz frade dominicano, doente com malária e convertido num velho precoce, já que só tinha quarenta anos e parecia ter setenta. Já andava há duas décadas na selva com a missão de ensinar e propagar a fé em Cristo e, nas suas andanças, tinha-se cruzado um par de vezes com

o meu marido. Confirmou-me que, tal como tantos espanhóis alucinados, Juan procurava a mítica cidade de ouro.

– Alto, bonito, amigo de apostas e vinho, simpático – disse.

Não podia ser outro.

– O El Dorado é uma invenção dos índios para se livrarem dos estrangeiros, porque quando vão atrás do ouro acabam por morrer – acrescentou o frade.

O Padre Gregorio cedeu-nos, a mim e a Constanza, a sua cabana, onde pudemos descansar, enquanto os marinheiros se embebedavam com um licor de palma bastante forte e arrastavam as índias, contra a sua vontade, para a mata espessa que circundava a aldeia. Apesar dos tubarões, que tinham seguido o barco durante dias, Daniel Belalcázar banhava-se no mar límpido durante horas. Quando tirou a camisa, reparámos que tinha as costas repletas de cicatrizes de chicote, mas como ele não deu explicações, também ninguém se atreveu a pedir-lhas. Durante a viagem, verificámos que aquele homem tinha a mania de se lavar, pelos vistos conhecia outros povos que o faziam. Ainda quis que Constanza entrasse no mar com ele, vestida e tudo, mas eu não permiti; tinha prometido aos seus pais que a devolveria inteira e não mordida por um tubarão.

Quando o Sol se pôs, os índios acenderam fogueiras com lenha verde para afastar os mosquitos que se abateram sobre a povoação. O fumo cegava-nos e mal nos deixava respirar, mas a alternativa era pior, porque mal nos afastávamos do fogo, a nuvem de bichos caía outra vez em cima de nós. O jantar foi carne de anta, um animal parecido com o porco, e uma papa branca, a que chamam mandioca; eram sabores estranhos, mas depois de três meses de peixe e *empanadas* aquela ceia pareceu-nos digna de um príncipe. Provei também pela primeira vez uma bebida espumosa de cacau, um pouco amarga apesar das especiarias com que a tinham temperado. Segundo o Padre Gregorio, os astecas e outros índios americanos usavam as sementes do cacau tal como nós usamos as moedas, de tal modo elas são valiosas para eles.

A tarde passou-se ao som das aventuras do religioso, que se tinha embrenhado várias vezes na selva para converter almas. Admitiu que, durante a sua juventude, também ele tinha perseguido o terrível

sonho do El Dorado. Tinha navegado pelo rio Orinoco, por vezes plácido como uma lagoa, noutras trechos turbulento e indignado. Contou-nos das inúmeras cascatas que nascem das nuvens e rebentam no solo em arco-íris de espuma, de túneis verdes por entre o bosque, onde o crepúsculo é eterno e a luz do dia mal toca na vegetação. Disse que por ali cresciam flores carnívoras com cheiro a cadáveres e outras delicadas e perfumadas, mas muito venenosas; falou-nos também de aves com plumagens exuberantes e de povoações de macacos com rostos humanos que espiavam os intrusos ao abrigo da folhagem densa.

– Para nós que viemos da Extremadura, sóbria e seca, de pedra e pó, é impossível imaginar um paraíso como esse – comentei.

– É um paraíso só de aparência, *doña* Inés. Nesse mundo quente, pantanoso e voraz, infestado de répteis e insetos venenosos, tudo se corrompe rapidamente, principalmente a alma. A selva transforma os homens em rufias e assassinos.

– Os que se aventuram pela selva só por cobiça já estão mais do que corrompidos, Padre. A selva só evidencia aquilo que os homens já são – replicou Daniel Belalcázar, enquanto anotava febrilmente as palavras do frade no seu caderno porque a sua intenção era seguir a rota do Orinoco.

Na primeira noite que passámos em terra firme, o mestre Manuel Martín e alguns marinheiros foram dormir ao barco para tomar conta da carga; isso foi o que disseram, mas acho que a verdade é que tinham medo das serpentes e dos bichos da selva. Os restantes, incluindo eu e a minha sobrinha, fartos da clausura dos minúsculos camarotes, preferiram acomodar-se na aldeia. Extenuada, Constanza depressa adormeceu na rede que nos deram, protegida por um mosquiteiro de tela imundo, enquanto eu me preparei para várias horas de insónia. A noite ali era muito negra, estava povoada por presenças misteriosas, era ruidosa, aromática e temível. Sentia-me rodeada das criaturas que o Padre Gregorio tinha descrito: insetos enormes, víboras que matam à distância, feras desconhecidas.

Contudo, mais ainda do que estes perigos naturais, inquietava-me a maldade dos homens embriagados. Não conseguia fechar os olhos.

Passaram duas ou três longas horas e, quando já começava a dormir, ouvi alguma coisa, ou alguém, a rondar a cabana. A minha primeira suspeita foi que se tratava de um animal, mas lembrei-me logo de seguida que Sebastián Romero tinha ficado em terra e deduzi que, longe da autoridade do mestre Manuel Martín, o homem podia ser perigoso. Não me enganei. Se eu estivesse a dormir talvez Romero tivesse conseguido levar a cabo os seus intentos, mas, para sua desgraça, eu estava à sua espera com uma adaga mourisca, pequena e afiada como uma agulha, que tinha comprado em Cádiz. A única luz no interior da cabana vinha do reflexo das brasas que esmoreciam na fogueira onde se tinha assado a anta. Um buraco sem porta separava-nos do exterior e os meus olhos já se tinham habituado à penumbra. Romero entrou de gatas, farejando como um cão, e aproximou-se da rede onde eu devia estar deitada com Constanza. Ainda esticou a mão para afastar o mosquiteiro, mas parou petrificado quando sentiu a ponta da minha adaga no pescoço, mesmo atrás da orelha.

– Vejo que não aprendes, pulha – disse-lhe, sem levantar a voz, para não alertar ninguém.

– Que o Diabo te leve, rameira! Brincaste comigo durante três meses e agora finges que não queres o mesmo que eu – resmungou, furioso.

Constanza acordou assustada e os seus gritos atraíram o Padre Gregorio, Daniel Belalcázar e outros que dormiam ali perto. Alguém acendeu uma tocha e, entre todos, tiraram à força o homem da nossa cabana. O Padre Gregorio ordenou que o amarrassem a uma árvore até que lhe passasse a demência do álcool de palma, e ali ficou a gritar ameaças e maldições durante um bom bocado, até que, quando chegou o amanhecer, caiu finalmente vencido pela fadiga e as restantes pessoas conseguiram dormir.

Uns dias mais tarde, depois de carregar água fresca, frutos tropicais e carne salgada, o barco do mestre Manuel Martín conduziu-nos ao porto de Cartagena, que já naquela altura era de uma importância fundamental, porque era ali que se embarcavam os tesouros do Novo Mundo rumo a Espanha. As águas do mar das Caraíbas

eram azuis e límpidas como as piscinas dos palácios dos mouros. O ar tinha um aroma intoxicante a flores, frutos e suor. A muralha, construída com pedras fixadas com uma mistura de cal e sangue de touro, brilhava debaixo de um sol implacável. Centenas de indígenas, nus e presos por correntes, arrastavam pedras enormes, incitados pelas chicotadas dos capatazes. Essa enorme muralha e uma fortaleza protegiam a frota espanhola dos piratas e outros inimigos do império. No mar, ancoradas na baía, balouçavam várias embarcações, algumas de guerra, outras de mercadorias e até um barco negreiro, que transportava a sua carga desde África para ser arrematada nas feiras de escravos. Distinguiu-se dos outros pelo cheiro a miséria humana e maldade que dele emanava. Comparada com qualquer uma das velhas cidades de Espanha, Cartagena ainda era uma aldeia, mas já tinha uma igreja, ruas bem traçadas, casas caiadas, sólidos edifícios para o governo, adegas, mercados e tabernas. A fortaleza, ainda em construção, começava no alto de uma colina, com os canhões já instalados e a apontar para a baía. A população era bastante variada e as mulheres, de roupas decotadas e atrevidas, pareceram-me belas, principalmente as mulatas. Decidi ficar por ali durante um tempo, porque soube que o meu marido lá tinha estado há pouco mais de um ano. Descobri que, num armazém, tinham uma trouxa de roupa, que entretanto Juan tinha deixado como caução, com a promessa de que, quando voltasse, pagaria a sua dívida.

A única hospedaria de Cartagena não aceitava mulheres sozinhas, mas o mestre Manuel Martín, que conhecia muita gente, lá conseguiu que nos alugassem um quarto. Era uma divisão bastante ampla, ainda que quase vazia, com uma porta que dava para a rua e uma janela estreita, apenas com uma cama, uma mesa e um banco como mobiliário, onde eu e a minha sobrinha arrumámos as nossas tralhas. Comecei de imediato a oferecer os meus serviços como costureira e à procura de um forno onde pudesse fazer *empanadas*, porque as minhas poupanças estavam a desaparecer mais depressa do que tinha previsto.

Mal tínhamos acabado de nos instalar quando Daniel Belalcázar nos veio fazer uma visita. O quarto estava atafalhado de volumes, por isso teve de se sentar na cama, com o chapéu na mão. Só

tínhamos água para lhe oferecer e ele bebeu dois copos seguidos; estava a suar. Passou um grande bocado em silêncio, observando o solo de terra batida com uma atenção excessiva, enquanto nós esperávamos, tão desconfortáveis como ele.

– *Señora* Inés, venho pedir-vos, com o maior respeito, a mão da vossa sobrinha em casamento – disse, por fim.

Fiquei aturdida com a surpresa. Nunca tinha visto entre eles nenhum indício de romance e, por instantes, pensei que o calor tinha transtornado de vez Belalcázar, mas a expressão apalermada de Constanza obrigou-me a reconsiderar.

– A menina tem quinze anos! – exclamei espantada.

– Aqui as raparigas casam-se novas, senhora.

– Constanza não tem dote.

– Isso não importa. Nunca aprovei esse costume e, mesmo que Constanza tivesse um dote de rainha, nunca o aceitaria.

– A minha sobrinha quer ser freira!

– Queria, senhora, mas já não quer – murmurou Belalcázar, enquanto Constanza confirmava a afirmação em voz alta e determinada.

Fiz-lhes ver que não tinha autoridade para a deixar casar e ainda menos com um aventureiro desconhecido, um homem sem residência fixa, que passava a vida a anotar maluquices num caderno e que tinha o dobro da sua idade. Como pensava ele sustentá-la? Achava, por acaso, que ela o seguiria pelo Orinoco fora, enquanto ele ia pintando canibais? Constanza interrompeu-me para me anunciar, corada de vergonha, que já era tarde de mais para me opor ao casamento, porque, na realidade, já estavam casados aos olhos de Deus, ainda que não o estivessem segundo as leis humanas. Foi então que me inteirei de que, enquanto eu fazia *empanadas* no barco durante a noite, eles faziam o que lhes dava na real gana no camarote de Belalcázar. Levantei a mão para dar a Constanza um belo par de bofetadas, mas ele segurou-me o braço. No dia seguinte casaram-se na igreja de Cartagena, com o mestre Manuel Martín e eu própria como testemunhas. Instalaram-se na hospedaria e começaram a fazer os preparativos para viajar até à selva, tal como eu temia.

Durante a primeira noite que passei sozinha no quarto alugado aconteceu uma desgraça que talvez pudesse ter evitado, se tivesse sido mais cautelosa. Ainda que não pudesse dar-me a esse luxo, porque as velas eram muito caras, mantinha uma acesa durante grande parte da noite, com medo das baratas, que saem na escuridão. Estava deitada na cama, coberta apenas por uma camisa fina, sufocada com o calor e sem conseguir dormir, pensando na minha sobrinha, quando um golpe contra a minha porta me assustou. Havia uma tranca, que se colocava por dentro, mas tinha-me esquecido de a colocar. Uma segunda pancada fez saltar a aldraba e Sebastián Romero apareceu no umbral da porta. Consegui levantar-me, mas o homem deu-me um empurrão e deitou-me novamente na cama, debruçando-se de imediato sobre mim, enquanto me insultava. Comecei a debater-me aos pontapés, arranhando-o, mas Romero desferiu um golpe violento, que me deixou aturdida e sem conseguir respirar nem ver por breves momentos. Quando recuperei os sentidos já ele me tinha imobilizado e estava deitado em cima de mim, esmagando-me com o seu peso, salpicando-me de saliva e resmungando grosserias. Senti o seu hálito asqueroso, os seus dedos fortes incrustados na minha carne, os seus joelhos tentando abrir-me as pernas, a dureza do seu sexo contra o meu ventre. A dor do golpe e o pânico toldaram-me o entendimento. Gritei, mas tapou-me a boca com a mão, tirando-me o ar, enquanto com a outra mão lutava com a minha camisa e com as suas calças, tarefa nada fácil, porque sou forte e me retorcia como uma enguia. Para me acalmar, deu-me uma tremenda bofetada na cara e, logo de seguida, utilizou ambas as mãos para me rasgar a roupa; foi então que compreendi que não ia conseguir livrar-me dele através da força. Durante um momento considerei a ideia de me submeter, com a esperança de que a humilhação fosse breve, mas a ira estava a cegar-me por completo e não tinha certeza de que depois me deixasse em paz; podia matar-me para que não o denunciasse. Tinha a boca cheia de sangue, mas consegui pedir-lhe para não me maltratar, já que podíamos gozar os dois, que não havia pressas, estando disposta a fazer o que lhe desse prazer. Não me recordo muito bem dos detalhes daquela noite, acho que lhe acariciei a cabeça murmurando uma ladainha de

obsценidades aprendidas na cama com Juan de Málaga, algo que terá acalmado um pouco a sua violência, porque me soltou e se pôs de pé para tirar as calças, que ainda estavam enroladas à volta dos joelhos. Tateando por debaixo da almofada, encontrei a minha adaga, que tinha sempre por perto, e empunhei-a firmemente com a mão direita, mantendo-a escondida encostada ao meu corpo. Quando Romero se deitou novamente em cima de mim, deixei-o acomodar-se, prendi-lhe a cintura com ambas as pernas e rodeei-lhe o pescoço com o braço esquerdo. Ele soltou um grunhido de satisfação, pensando que eu tinha acabado por ceder e que ia colaborar, e dispôs-se a aproveitar a sua vantagem. Entretanto, usei as minhas pernas para o imobilizar, cruzando os pés por cima dos seus rins. Levantei a adaga, segurei-a com ambas as mãos, calculei o sítio certo para lhe infligir mais danos e apertei-o com todas as minhas forças num abraço mortal, cravando a adaga até ao punho. Não é fácil enterrar uma faca nas costas fortes de um homem naquela posição, mas confesso que o terror me ajudou. Era a vida dele ou a minha. Temi ter errado, porque, por um momento, Sebastián Romero não teve reação, como se não tivesse sentido a lâmina a enterrar-se, mas logo de seguida soltou um grito visceral e rodou até cair no chão entre as bagagens amontoadas. Tentou pôr-se de pé, mas ficou de joelhos, com uma expressão de surpresa, que, de imediato, se tornou uma expressão de horror. Levou as mãos atrás das costas numa tentativa de retirar o punhal. De facto, tudo aquilo que aprendi sobre o corpo humano enquanto curava feridas no hospital das freiras acabou por ser a minha salvação, porque o golpe foi letal. O homem continuava a contorcer-se e eu, sentada na cama, observava-o, tão espantada como ele, mas disposta a saltar-lhe em cima para lhe tapar a boca como pudesse, se começasse a gritar. Não gritou, apenas um gargarejo sinistro se lhe escapou dos lábios, por entre golfadas de espuma rosada. Ao fim de um momento, que me pareceu eterno, começou a estremecer como se estivesse possuído, vomitou sangue e, logo depois, caiu no chão. Esperei um bom bocado, até que os meus nervos se acalmassem e conseguisse finalmente pensar; depois assegurei-me de que já não voltaria a mexer-se. À luz ténue da vela, reparei que o sangue estava a ser absorvido pela terra do chão.

Esperei o resto da noite junto ao corpo de Sebastián Romero, primeiro rezando à Virgem que me perdoasse aquele crime tão grave e depois a planear uma maneira de não ser obrigada a pagar pelas consequências desse meu ato. Não conhecia as leis daquela terra, mas se fossem iguais às de Plasencia, o mais certo era eu ir parar ao fundo dos calabouços até que se conseguisse provar que tinha agido em legítima defesa, tarefa árdua, diga-se, porque os magistrados desconfiam sempre das mulheres. Não tinha ilusões, os vícios e pecados dos homens são sempre culpa nossa. O que pensaria a justiça de uma mulher jovem e solitária? Diriam que tinha convidado o marinheiro inocente e que o tinha assassinado para lhe roubar os seus pertences. Ao amanhecer, cobri o corpo com uma manta, vesti-me e dirigi-me ao porto, onde ainda estava ancorado o barco do mestre Manuel Martín. O mestre ouviu a minha história até ao fim, sem me interromper, mastigando o seu tabaco e coçando a cabeça.

– Parece que vou ter de tomar conta deste assunto, *doña* Inés – decidi, mal acabei de falar.

Dirigiu-se à minha modesta casa com um marinheiro da sua confiança e, entre ambos, levaram o corpo de Romero envolto num pedaço de vela do barco. Nunca soube o que fizeram com ele; imagino que o tenham lançado ao mar atado a uma pedra, onde os peixes devem ter dado conta dos seus restos. Manuel Martín sugeriu-me que deixasse Cartagena o quanto antes, porque um segredo destes não se podia esconder para sempre, e foi assim que, alguns dias depois, me despedi da minha sobrinha e do marido e parti com os restantes viajantes para a cidade do Panamá. Vários índios levavam as nossas bagagens e guiavam-nos pelas montanhas, bosques e rios.

O istmo do Panamá é uma faixa estreita de terra que separa o nosso oceano europeu do mar do Sul, a que também chamam Pacífico. Tem menos de vinte léguas de largura, mas as montanhas são abruptas, a selva demasiado densa, as águas insalubres, os pântanos putrefactos e o ar está infestado de febre e pestilência. Há índios hostis, lagartos e serpentes de terra e de rio, mas a paisagem é magnífica e as aves belíssimas. Durante o caminho, fomos acompanhados pela algaraviada dos macacos, uns bichos curiosos e atrevidos, que nos saltavam em cima para nos roubarem as provisões.

A selva era de um verde profundo, sombrio, ameaçador. Os meus companheiros de viagem levavam as armas na mão e não perdiam os índios de vista, porque nos podiam trair ao mínimo descuido, tal como nos tinha advertido o Padre Gregorio, que nos avisou também contra os jacarés, que arrastavam as suas vítimas para o fundo dos rios; as formigas vermelhas, que chegam aos milhares e se introduzem pelos orifícios do corpo, corroendo e devorando-o por dentro numa questão de minutos, e ainda contra os sapos, que nos deixam cegos com o veneno da sua saliva. Tentei não pensar em nada disto, senão o terror deixar-me-ia paralisada. Tal como dizia Daniel Belalcázar, não vale a pena sofrer por antecipação com as desgraças que, provavelmente, nunca ocorrerão. Fizemos a primeira parte da travessia num barco a remos impulsionado por oito nativos. Fiquei feliz por não ter a minha sobrinha comigo, porque os remadores iam nus e a verdade é que, apesar da paisagem ser linda, os olhos iam-me sempre parar onde não deviam. A última parte do caminho percorremo-la em mulas. Do último cume, avistámos ao longe o mar de cor turquesa e os contornos esborratados da cidade do Panamá, sufocada num vácuo quente.